

# **PREGAÇÕES DE QUARESMA**

**Pelo pregador da Casa Pontifícia, cardeal**

**Raniero Cantalamessa, OFMCap**



**2024**

## **PRIMEIRA PREGAÇÃO**

### **«Eu sou o pão da vida**

No início destas pregações da Quaresma, retomemos o diálogo entre Jesus e os apóstolos em Cesareia de Filipe:

Jesus foi à região de Cesareia de Filipe e ali perguntou aos seus discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?”. Eles responderam: “Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros, que é Jeremias ou um dos profetas: Então disse-lhes: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,13-16).

De todo o diálogo, interessa-nos, pelo momento, apenas e exclusivamente, a segunda pergunta de Jesus: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Não a tomemos, contudo, no sentido com que esta pergunta é normalmente entendida; isto é, como se a Jesus interessasse saber o que pensa dele a Igreja, ou o que os nossos estudos de teologia nos dizem dele. Não! Tomemos essa pergunta como deve ser tomada toda palavra que sai da boca de Jesus, isto é, como se dirigida, hic et nunc, a quem a escuta, individualmente, pessoalmente.

Para realizar este exame, deixemo-nos ajudar pelo evangelista João. Em seu Evangelho, encontramos toda uma série de declarações de Jesus, os famosos Ego eimi, “Eu Sou”, com os quais ele revela o que pensa, ele, de si mesmo, quem diz, ele, ser: “Eu sou o pão da vida”, “Eu sou a luz do mundo”, e assim por diante. Veremos cinco destas autorrevelações e nos perguntaremos cada vez se ele é realmente para nós aquilo que ele afirma ser e como fazer para que o seja sempre mais.

Será um momento para se viver de modo particular. Isto é, não com o olhar voltado para o exterior, aos problemas do mundo e da própria Igreja, como somos levados a fazer em outros contextos, mas um olhar introspectivo. Um momento, então, intimista e separado e, por isso, egoístico? Totalmente o contrário! É um evangelizar-nos para evangelizar,

um preencher-nos de Jesus para falar dele “por redundância de amor”, como as primitivas Constituições da minha Ordem Capuchinha recomendavam aos pregadores; isto é, por íntima convicção, não apenas para cumprir um mandato.

\*\*\*

Iniciemos pelo primeiro destes “Eu Sou” de Jesus que encontramos no Quarto Evangelho, no capítulo sexto: “Eu sou o pão da vida”. Escutemos primeiramente a parte do trecho que mais diretamente nos interessa: Eles perguntaram: “Que sinal realizas para que o vejamos, e creiamos em ti? Que obra fazes? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: ‘Deu-lhes de comer o pão do céu’”. Jesus respondeu: “Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu. Meu Pai é quem vos dá o verdadeiro pão do céu, pois o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo”. Eles então pediram: “Senhor, dá-nos sempre desse pão!”. Jesus lhes disse: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim nunca mais terá fome, e quem crê em mim nunca mais terá sede” (Jo 6,30-35).

Uma palavra sobre o contexto. Jesus multiplicara anteriormente cinco pães de cevada e dois peixes para saciar cinco mil homens. Depois se retirou para fugir do entusiasmo do povo, que quer fazê-lo rei. A multidão o procura e o encontra do outro lado do lago.

Neste ponto começa o longo discurso com o qual Jesus procura explicar “o sinal do pão”. Quer fazer entender que há um outro pão a ser buscado, do qual aquele material é, justamente, um “sinal”. É o mesmo procedimento usado com a mulher Samaritana no capítulo IV do Evangelho. Ali, Jesus quer conduzir a mulher a descobrir uma outra água, além daquela física que sacia a sede apenas por um breve tempo; aqui, quer conduzir a multidão a buscar um outro pão, diferente daquele material que sacia apenas por um dia. À Samaritana que pede para ter aquela água misteriosa e espera a vinda do Messias para obtê-la, Jesus responde: “Sou eu, que falo contigo” (Jo 4,26). À multidão que agora faz o mesmo pedido pelo pão, responde: “Eu sou o pão da vida!”.

Perguntamo-nos: como e onde se come este pão da vida? A resposta dos Padres da Igreja era: em dois “lugares” ou dois modos: no sacramento e na Palavra, isto é, na Eucaristia e na Escritura. Havia, é verdade, acentos diversos. Alguns, como Orígenes e, entre os latinos, Ambrósio, insistem mais sobre a Palavra de Deus. “Este pão que Jesus parte – escreve Santo Ambrósio comentando a multiplicação dos pães – significa misticamente a palavra de Deus que, distribuída, aumenta. Ele nos deu as suas palavras como pães que se multiplicam em nossa boca enquanto os degustamos”[1]. Outros, como Cirilo de Alexandria, acentuam a interpretação eucarística. Nenhum deles, contudo, pretendia falar de um modo excluindo o outro. Fala-se da Palavra e da Eucaristia, como das “duas mesas” preparadas por Cristo. Na Imitação de Cristo, lê-se:

Confesso que, enquanto estou detido no cárcere deste corpo, necessito de duas coisas: alimento e luz. Por isso me destes, Senhor, a mim, fraco, o vosso sagrado corpo, para sustento da alma e do corpo, e “pusestes a vossa palavra qual cadeia diante de meus pés” (Sl 118,105). Sem estas duas coisas, não poderia bem viver; porque a palavra de Deus é a luz da minha alma e vosso Sacramento o pão da vida. Podem ser chamadas duas mesas, colocadas de um e outro lado do tesouro da Santa Igreja[2].

A afirmação unilateral de um destes dois modos de comer o pão da vida excluindo o outro é fruto da nefasta divisão ocorrida no cristianismo ocidental. Da parte católica, acabara por se tornar de tal forma preponderante a interpretação eucarística ao ponto de fazer do capítulo sexto de João quase o equivalente à narrativa da instituição da Eucaristia. Lutero, por reação, afirmou o contrário, ou seja, que o pão da vida é a palavra de Deus; ele é distribuído mediante a pregação e comido mediante a fé[3].

O clima ecumênico que se instaurou entre os fiéis em Cristo nos permite recompor a síntese tradicional presente nos Padres. Não há dúvida de que o pão da vida chega a nós mediante a palavra de Deus e, em particular, as palavras de Jesus no Evangelho. Também a sua resposta ao tentador nos recorda isso: “O homem não vive somente de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4). Mas como não ver no discurso de Jesus na sinagoga de Cafarnaum também uma referência à Eucaristia? Todo o

contexto evoca um banquete: fala-se de comida e bebida, de comer e beber, do corpo e do sangue. As palavras: “Quem não comer a minha carne e não beber o meu sangue...” recordam muito de perto as palavras da instituição (“Tomai, comei, isto é o meu corpo” e “Tomai, bebei: este é o meu sangue”), para se poder negar qualquer relação entre elas.

Se na exegese e na teologia se assiste a uma polarização e, às vezes – eu dizia –, a uma contraposição entre o pão da palavra e o eucarístico, na liturgia a sua síntese foi sempre vivida pacificamente. Desde os tempos mais remotos, por exemplo, em São Justino, Mártir, a Missa compreende dois momentos: a liturgia da Palavra, com leituras tiradas do Antigo Testamento e das “memórias dos apóstolos”, e a liturgia eucarística, com a consagração e a comunhão.

Hoje podemos retornar, eu dizia, à síntese originária entre Palavra e Sacramento. Nesta linha, devemos, antes, dar um passo à frente. Consiste em não limitar o comer a carne e beber o sangue de Cristo apenas à Palavra e apenas ao sacramento da Eucaristia, mas em vê-lo atuado em cada momento e aspecto da nossa vida de graça.

Quando São Paulo escreve: “Para mim, de fato, o viver é Cristo” (Fl 1,21), não pensa em um momento particular. Para ele, Cristo é, realmente, em todos os modos da sua presença, pão da vida; “come-se” com a fé, a esperança e a caridade, na oração e em tudo. O ser humano é criado para a alegria e não pode viver sem alegria, ou sem a esperança dela. A alegria é o pão do coração. E também o Apóstolo busca a verdadeira alegria – e exorta os seus a busca-la – no Senhor Jesus Cristo: “Gaudete in Domino semper, iterum dico, gaudete”: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito, alegrai-vos” (Fl 4,4).

Jesus é pão de vida eterna não só pelo que dá, mas também – e antes de tudo – pelo que é. A Palavra e o Sacramento são os meios; viver dele e nele é o fim: “Como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, também o que comer de mim viverá por mim” (Jo 6,57). No hino Adoro te devote, que tem alimentado por séculos a piedade e a adoração eucarística dos católicos, há uma estrofe que é uma paráfrase desta palavra de Jesus. No original, que muitos de nós certamente recordam, ela soa assim:

O memoriále mortis Dómini,  
Panis vivus vitam praestans hómíni,  
praesta meae menti de te vívere,  
et te illi semper dulce sápere.

Em português pode ser traduzida assim:

Ó memorial da morte do Senhor,  
Pão vivo que dá vida aos homens,  
Fazei que minha alma viva de Vós,  
E que a ela seja sempre doce este saber

\*\*\*

Todo o discurso de Jesus tende, portanto, a esclarecer que a vida é aquela que ele dá: não vida da carne, mas vida do Espírito, a vida eterna. Não é, porém, nesta linha que eu gostaria de prosseguir a minha reflexão, nos poucos minutos que me restam. Em relação ao Evangelho, há sempre duas operações a se fazer respeitando rigorosamente a sua ordem: primeiro, a apropriação, depois, a imitação. Temos nos apropriado até agora do pão da vida mediante a fé e o fazemos cada vez que recebemos a Comunhão. Trata-se de ver agora como traduzi-los na prática em nossa vida.

Para fazer isso, colocamo-nos uma simples pergunta: Como ele, Jesus, se tornou pão de vida para nós? A resposta, deu-nos ele mesmo no Evangelho de João: “Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só; mas se morre, produz muito fruto” (Jo 12,24). Sabemos bem a que aludem as imagens de cair na terra e apodrecer. Toda a história da Paixão está contida nelas. Devemos buscar ver o que essas imagens significam para nós. Jesus, de fato, com a imagem do grão de trigo não indica apenas o seu destino pessoal, mas o de cada seu verdadeiro discípulo.

Não se pode escutar a palavra dirigida à Igreja de Roma pelo bispo Inácio de Antioquia sem nos comover e sem permanecer atônitos, vendo o que a graça de Cristo é capaz de fazer de uma criatura humana:

Deixai que eu seja pasto das feras, por meio das quais me é concedido alcançar a Deus. Sou trigo de Deus, e serei moído... Suplicai a Cristo por mim, para que eu, com esses meios, seja vítima oferecida a Deus. Não vos dou ordens como Pedro e Paulo; eles eram apóstolos, eu sou um condenado[4].

Antes dos dentes das feras, o bispo Inácio experimentou outros dentes que o moíam, não dentes de feras, mas de homens: “Desde a Síria até – escreve – luto contra as feras, por terra e por mar, de noite e de dia, acorrentado a dez leopardos, a um destacamento de soldados; quando se lhes faz bem, tornam-se piores ainda”[5]. Isto tem algo a dizer também para nós. Cada um de nós tem, em seu ambiente, destes dentes de feras que o moem. Santo Agostinho dizia que nós, seres humanos, somos “vasos de argila que se ferem uns com os outros”: lutea vasa quae faciunt invicem angustias[6]. Devemos aprender a fazer desta situação um meio de santificação e não de endurecimento do coração, de raiva e lamentação!

Uma sentença frequentemente repetida em nossas comunidades religiosas afirma *Vita communis mortificatio maxima*: “viver em comunidade é a maior de todas as mortificações”. Não só a maior, mas também a mais útil e mais merecedora de tantas outras mortificações de própria escolha. Esta sentença não se aplica apenas a quem vive em comunidades religiosas, mas em toda convivência humana. Onde ela se realiza no modo mais exigente é, na minha opinião, o matrimônio, e devemos ficar cheios de admiração diante de um matrimônio levado adiante com fidelidade até a morte. Passar a vida inteira, dia e noite, lidando com a vontade, o caráter a sensibilidade e as idiossincrasias de uma outra pessoa, especialmente em uma sociedade como a nossa, é algo de grande e, se feito com espírito de fé, já deveria ser qualificado como “virtude heroica”.

Nós, porém, encontramos aqui no contexto da Cúria, que não é uma comunidade religiosa ou matrimonial, mas de serviço e de trabalho eclesial. As ocasiões para não desperdiçar, se quisermos também nós sermos moídos para nos tornarmos trigo de Deus, são muitas, e cada um deve identificar e santificar aquela que lhe é oferecida em seu posto de serviço. Menciono apenas uma ou duas que considero válidas para todos.

Uma ocasião é aceitar sermos contrariados, renunciar a nos justificar e querer ter sempre razão, quando não é pedido pela importância da coisa. Uma outra é suportar alguém, sujo caráter, modo de falar ou de fazer nos dá nos nervos, e fazê-lo nos irritar interiormente, pensando melhor que também nós talvez sejamos para alguém tal pessoa. O Apóstolo exortava os fiéis de Colossos com estas palavras: “Por isso, revesti-vos de sincera misericórdia, bondade, humildade, mansidão e paciência, suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos mutuamente, se um tiver queixa contra o outro” (Cl 3,12-13). O que é mais difícil para “moer” em nós não é a carne, mas o espírito, isto é o amor próprio e o orgulho, e estes pequenos exercícios servem magnificamente ao objetivo.

Hoje infelizmente existe na sociedade uma espécie de dentes que moem sem piedade, mais cruelmente que os dentes de leopardo de que falava o mártir Santo Inácio. São os dentes dos meios de comunicação e das chamadas redes sociais. Não quando eles relevam as distorções da sociedade ou da Igreja (nisso merecem todo o respeito e a estima!), mas quando se enfurecem contra alguém por tomada de partido, simplesmente porque não pertence ao próprio lado. Com maldade, com intuito destrutivo, não construtivo. Coitado de quem acaba hoje neste moedor, seja ele um leigo ou um eclesiástico!

Neste caso, é lícito e um dever fazer valer as próprias razões nos lugares apropriados e, se isso não for possível, ou então se ver que não serve a nada, não resta a um fiel senão unir-se a Cristo flagelado, coroado de espinhos e no qual cuspiram. Na Carta aos Hebreus, lê-se esta exortação aos primeiros cristãos, que pode ajudar em ocasiões semelhantes: “Pensai pois naquele que enfrentou uma tal oposição por parte dos pecadores, para que não vos deixeis abater pelo desânimo” (Hb 12,3).

É algo difícil e doloroso ao máximo, sobretudo quando no meio disso está a própria família natural ou religiosa, mas a graça de Deus pode fazer – e frequentemente tem feito – de tudo isso ocasião de purificação e santificação. Trata-se de ter confiança de que, no fim, como aconteceu para Jesus, a verdade triunfará sobre a mentira. E triunfará melhor, talvez, com o silêncio, mais do que com as mais aguerridas autodefesas.

\*\*\*

O objetivo final do deixar-se moer não é, porém, natureza ascética, mas mística; não serve tanto para mortificar a si mesmo, mas para criar a comunhão. É uma verdade esta, que tem acompanhado a catequese eucarística desde os primeiros dias da Igreja. Está presente já na Didaqué (IX,4), um escrito dos tempos apostólicos. Santo Agostinho desenvolve este tema de modo estupendo em um seu discurso ao povo. Ele põe em paralelo o processo que leva à formação do pão que é o corpo eucarístico de Cristo e o processo que leva à formação do seu corpo místico que é a Igreja. Dizia:

Lembra-vos um instante o que era uma vez, quando estava ainda no campo, esta criatura que é o trigo: a terra a fez germinar, a chuva a nutriu; depois houve o trabalho do homem que a trouxe para a eira, a debulhou, a peneirou e a depositou nos celeiros; daí, levou-a para moê-la e cozinha-la e, assim, finalmente, tornou-se pão. Agora pensai novamente em vós mesmos: não existíeis e fostes criados, fostes trazidos à eira do Senhor, fostes debulhados... Quando destes vossos nomes para o batismo, começastes a ser moídos pelos jejuns e pelos exorcismos; depois, finalmente viestes à água fostes modelados e vos tornastes uma só coisa; sobrevivendo o fogo do Espírito Santo, fostes cozidos e vos tornastes pão do Senhor. Eis o que recebestes. Como, portanto, vedes que é um o pão preparado, assim também sois vós uma só coisa, amando-vos, conservando a mesma fé, uma mesma esperança e indivisa caridade”[7].

Entre os dois corpos – o eucarístico e o místico da Igreja – não há somente semelhança, mas também dependências. É graças ao mistério pascal de Cristo operante na Eucaristia que nós podemos encontrar a força de nos deixar moer, dia após dia, nas pequenas (e às vezes nas grandes!) circunstâncias da vida.

\*\*\*

Concluo com um episódio realmente ocorrido, narrado em um livro intitulado “O preço a pagar por me tornar cristão”, escrito em francês e traduzido em várias línguas. Ele serve, melhor do que longos discursos, para nos dar conta da potência encerrada nos solenes “Eu Sou” de Jesus no

Evangelho e, particularmente, daquele que comentei nesta primeira meditação.

Há algumas décadas, em uma nação do Oriente Médio, dois soldados – um cristão e o outro não – encontraram-se juntos para fazer guarda a um depósito de armas. O cristão frequentemente tirava, às vezes também à noite, um pequeno livro e o lia, atraindo a curiosidade e a ironia do companheiro de armas. Certa noite, este último tem um sonho. Encontra-se diante de uma torrente que, porém, não consegue atravessar. Vê uma figura envolta de luz que lhe diz: “Para atravessá-la, precisas do pão da vida”. Fortemente impressionado pelo sonho, pela manhã, sem saber porque, pede, melhor, força o companheiro a lhe dar aquele seu livro misterioso (tratava-se naturalmente dos Evangelhos). Abre-o, e cai sobre o evangelho de João. O amigo cristão o aconselha a começar pelo de Mateus, que é mais fácil de entender. Mas ele, sem saber porque, insiste. Lê tudo avidamente, até chegar ao capítulo sexto. Mas, neste ponto, é bom escutar diretamente a sua narrativa:

Chegando ao capítulo sexto, detenho-me, tocado pela força de uma frase. Por um momento, penso ser vítima de uma alucinação, e volto a olhar o livro, no ponto onde me detive... Acabei de ler estas palavras: “...o pão da vida”. As mesmas palavras que ouvi há algumas horas em meu sonho. Releio lentamente a passagem na qual Jesus, voltando aos discípulos, diz: “Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim nunca mais terá fome”. Desencadeia em mim, justamente naquele instante, algo de extraordinário, como uma explosão de calor e de bem-estar... Tenho a impressão de ser arrebatado, levado ao alto pela força de um sentimento jamais provado, uma paixão violenta, um amor desmedido por este homem Jesus, de quem falam os Evangelhos”[8].

O que, em seguida, esta pessoa teve que sofrer por sua fé, confirma a autenticidade da sua experiência. Nem sempre a palavra de Deus age em um modo assim explosivo, mas o exemplo, repito, mostra-nos que força divina está encerrada nos solenes “Eu Sou” de Cristo, que, com a graça de Deus, repropomo-nos comentar nesta Quaresma.

---

## NOTAS

[1] Cf. Ambrósio, In Lucam, VI,86.

[2] Imitação de Cristo, IV,11.

[3] Cf. Lutero, Sobre o Evangelho de João, 231.

[4] Cf. Inácio de Antioquia, Carta aos Romanos, IV,1.

[5] Cf. Ib. V,1.

[6] Cf. Agostinho, Discursos, 69,1 (PL 38, 440).

[7] Cf. Agostinho, Sermo 229 (Denis 6) (PL 38, 1103).

[8] Cf. Joseph Fabelle, Le prix à payer. Les Editions de l'Oeuvre, Paris 2010.

---

Tradução de Fr. Ricardo Farias

## SEGUNDA PREGAÇÃO

### "Eu sou a luz do mundo"

Nestas pregações de Quaresma, propomo-nos a meditar sobre os grandes “Eu Sou” (Ego eimi) pronunciados por Jesus no Evangelho de João. Há, porém, uma pergunta que se põe, a propósito deles: foram realmente pronunciados por Jesus, ou são devidos à reflexão posterior do Evangelista, como tantas partes do Quarto Evangelho? A resposta que hoje praticamente todos os exegetas dariam a esta pergunta é a segunda. Estou convencido, porém, de que tais afirmações são “de Jesus”, e procuro explicar porque.

Há uma verdade histórica e uma verdade que podemos chamar de real ou ontológica. Tomemos um desses “Eu Sou” de Jesus, por exemplo, o que diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Se, por alguma improvável nova descoberta, se viesse a conhecer que a frase foi, de fato e historicamente, pronunciada pelo Jesus terreno, não é isto que a tornaria “verdadeira”. Pode-se sempre pensar, de fato, que quem a pronuncia seja um iludido e se engane! (Muitos acreditaram ser a luz do mundo antes e depois dele!). O que a torna “verdadeira” é o fato de que – na realidade e acima de toda contingência histórica – ele é o caminho, a verdade e a vida.

Neste sentido mais profundo e mais importante, todas e cada uma das afirmações que Jesus faz no Evangelho de João são “verdadeiras”, também aquela em que diz: “Antes que Abraão existisse, eu sou” (Jo 8,58). A definição clássica de verdade é “correspondência entre a coisa e a ideia que se tem dela” (adaequatio rei et intellectus); a verdade revelada é correspondência entre a realidade e a palavra inspirada que a proclama. As grandes palavras que meditaremos são, portanto, de Jesus: não do Jesus histórico, mas do Jesus que – como tinha prometido aos discípulos (Jo 16,12-15) – nos fala com a autoridade do Ressuscitado, mediante o seu Espírito.

\*\*\*

Da sinagoga de Cafarnaum na Galileia, passemos hoje ao templo de Jerusalém, na Judeia, onde Jesus se dirigiu por ocasião da festa das Tendias. Aqui se desenvolve o debate com “os judeus”, no qual está inserida a autoproclamação de Jesus, que, nesta meditação, queremos acolher:

Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, não caminha na escuridão, mas terá a luz da vida (Jo 8,12).

Esta palavra é tão impregnante e tão bela, que os cristãos, de imediato, escolheram-na como uma das designações preferidas de Cristo. em muitas basílicas antigas – como nas catedrais de Cefalù e de Monreale, na Sicília – no mosaico da ábside, Jesus é representado como o Pantocrator, ou Senhor do universo. Segura um livro aberto diante de si e mostra a página onde estão escritas, em grego e latim, justamente aquelas palavras: “Egô eimi to phôs tou kosmou – Ego sum lux mundi”.

Para nós, hoje, Jesus “luz do mundo” se tornou uma verdade acreditada e proclamada, mas houve um tempo em que ela não era somente isso; era uma experiência vivida, como nos acontece às vezes, quando, após um blackout, a luz volta improvisamente, ou quando, pela manhã, ao abrir a janela, somos inundados da luz do dia. A Primeira Carta de Pedro o define um passar “das trevas para a sua luz maravilhosa” (1Pd 2,9; Col 1,12ss). Evocando o momento da sua conversão e do seu batismo, Tertuliano o descreve com a imagem da criança que sai do útero escuro da mãe e se assusta ao contato com o ar e com a luz. “Saindo – escreve – do ventre comum de uma mesma ignorância, [nós, cristãos,] sobressaltamos à luz da verdade”: ad lucem expavescentes véritatis”[1].

\*\*\*

Pomo-nos imediatamente a pergunta: o que significa para nós, aqui e agora, aquela palavra de Jesus: “Eu sou a luz do mundo”? A expressão “luz do mundo” tem dois significados fundamentais. O primeiro significado é que Jesus é a luz do mundo, pois a sua é a suprema e definitiva revelação de Deus à humanidade. Afirma-o de modo mais claro e em tom solene o início da Carta aos Hebreus:

Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também criou o universo (Hb 1,1-2).

A novidade consiste no fato único e irrepetível que o revelador é, ele próprio, a revelação! “Eu sou a luz”, não eu trago a luz ao mundo. Os profetas falavam em terceira pessoa: “Assis diz o Senhor!”, Jesus fala em primeira pessoa: “Eu vos digo!”. Em 1964, Marshall McLuhan lançou o famoso slogan: “O meio é a mensagem”, significando com isto que o meio pelo qual uma mensagem é difundida condiciona a própria mensagem. Este ditado se aplica única e transcendentemente a Cristo. Nele o meio de transmissão é verdadeiramente a mensagem; o próprio mensageiro é a mensagem!

Este, eu dizia, é o primeiro significado da expressão “luz do mundo”. O segundo significado é que Jesus é a luz do mundo dado que lança luz sobre o mundo, isto é, revela o mundo a si mesmo; faz ver cada coisa na sua verdade, pelo que é diante de Deus. Reflitamos sobre cada um dos dois significados, partindo do primeiro, isto é, de Jesus como suprema revelação da verdade de Deus.

## **Razão e fé**

Deste ponto de vista, a luz que é Cristo tem desde sempre um concorrente aguerrido: a razão humana. Falamos disso não com intuito polêmico ou apologético, ou seja, para saber o que responder aos adversários da fé (eu faltaria com meu propósito inicial), mas para nós mesmos nos confirmarmos na fé.

Os debates sobre fé e razão – mais exatamente, seria dizer sobre razão e revelação – são anulados, a meu ver, por uma radical assimetria. O fiel compartilha com o ateu a razão; o ateu não compartilha com fiel a fé na revelação. O fiel fala a língua do interlocutor ateu; este não fala a língua do homólogo fiel.

Justamente por isso, o debate mais convincente sobre o tema “fé e razão” é aquele que acontece na mesma pessoa, entre a sua fé e a sua razão.

Temos exemplo célebres na história do pensamento humano, em homens nos quais não se pode pôr em dúvida uma idêntica paixão tanto pela fé quanto pela razão: Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, Blaise Pascal, Søren Kierkegaard, John Newman, aos quais poderíamos acrescentar, com plena razão, João Paulo II, Bento XVI... A conclusão a que chegou cada um deles é que o ato supremo da razão é reconhecer que há algo que a supera. Este é também o ato que mais honra a razão porque indica a sua capacidade de transcender a si mesma. A fé não se opõe à razão, mas supõe a razão, exatamente como “a graça supõe a natureza”[2].

Há também um outro equívoco a ser esclarecido a respeito do diálogo entre fé e razão. A crítica de fundo dirigida ao fiel é que ele não pode ser objetivo, a partir do momento em que a sua fé lhe impõe, em princípio, a conclusão à qual chegar, e constitui, por isso, uma pré-compreensão e um pré-juízo. Não se leva em conta que o mesmo “pré-juízo” age, em sentido oposto, também no cientista ou filósofo não crente, e de modo bem mais radical. Se ele dá por certo que Deus não existe, que não o sobrenatural e que não é possível o milagre, também a sua conclusão não poderá ser senão uma, e já dada em princípio.

Eis um exemplo entre muitos. Em base à visão que tinha da realidade, poderia Freud admitir que o “amor universal” de Francisco de Assis tivesse um componente sobrenatural, chamado graça? Certamente não, e, de fato, ele faz disso uma “derivação do amor genital”. Francisco de Assis, escreve ele, “é aquele que foi mais longe ao utilizar o amor em vantagem do seu sentimento interior de felicidade”[3]. Em outras palavras, amava Deus, os homens, toda a criação e, de modo especialíssimo, Jesus Crucificado, porque isto o gratificava, o fazia estar bem!

O homem moderno, no lugar da verdade, põe como valor supremo a busca da verdade. Lessing escreveu: “Se Deus tivesse segurado toda a verdade na sua direita, e na sua esquerda apenas a aspiração sempre viva à verdade, ainda que na condição de estar eternamente no erro, e me dissesse: ‘Escolhe!’, inclinar-me-ia humildemente à esquerda dizendo: ‘Esta, Pai! A pura verdade pertence só a ti’”[4].

O motivo disso é simples. Enquanto se está em fase de busca, é ele, o homem, aquele quem conduz o jogo, o protagonista, enquanto que ao lado

da Verdade reconhecida como tal, não tem mais escape e deve prestar “a obediência da fé”. A fé põe o absoluto, enquanto a razão gostaria de prosseguir indefinidamente a discussão. Como a bela Sherazade de As mil e uma noites, a razão humana tem sempre uma nova história para contar, para retardar a própria rendição.

Há somente duas possíveis resoluções para a tensão entre fé e razão: ou restringir a fé “dentro dos limites da pura razão”, como se propunha o filósofo Kant, ou infringir os limites da pura razão para vagar por um horizonte sem limites. Um pouco como o Ulisses dantesco que, tendo chegado às colunas de Hércules, consideradas então o limite terra, decide não se deter, mas fazer “dos remos asas na empresa ousada”[5].

Devo, contudo, ser coerente com a promessa feita no início. O discurso sobre fé e razão, antes de ser um debate entre “nós e eles”, entre fiéis e não fiéis, deve ser um debate “entre nós e nós”, isto é, entre os próprios fiéis. A pior espécie de racionalismo, de fato, não é aquele externo, mas o interno. São Paulo escrevia aos Coríntios:

Também a minha palavra e a minha pregação não se apoiavam na persuasão da sabedoria, mas na manifestação do Espírito e do poder, para que a vossa fé se fundamentasse não na sabedoria humana mas no poder de Deus (1Cor 2,4-5).

E ainda: Pois as armas do nosso combate não são carnis. São armas poderosas aos olhos de Deus, capazes de derrubar fortalezas, destruir sofismas e todo orgulho intelectual que se levanta contra o conhecimento de Deus e capazes de subjugar todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo (2Cor 10,3-5).

Frequentemente se tem verificado, infelizmente, o que o Apóstolo temia. A teologia, especialmente no Ocidente, tem sempre mais se afastado do poder do Espírito, para favorecer a sabedoria humana. O racionalismo moderno tem pretendido que o cristianismo apresentasse a sua mensagem de modo dialético, submetendo-o, ou seja, em tudo e por tudo, à busca e à discussão, de modo que ele pudesse se colocar no quadro geral – aceitável também filosoficamente – de um esforço comum e sempre provisório de autocompreensão do homem e do universo. Assim fazendo, porém, o

anúncio de salvação sobre Cristo morto e ressuscitado era subjugado a uma diversa e suposta instância superior. Não era mais um querigma, mas somente uma hipótese.

O perigo inerente neste modo de fazer teologia é que Deus se torna objetivado. Torna-se um objeto do qual se fala, não um sujeito com o qual – ou na presença do qual – se fala. Um “ele” – ou, pior, um isso –, jamais um “tu”. É o contragolpe de se ter feito da teologia uma “ciência”. O primeiro dever de quem faz ciência é ser neutral diante do objeto da própria pesquisa; mas podemos ser neutrais quando se trata de Deus? Foi este o motivo principal que me induziu, a uma certa altura da vida, a abandonar o ensinamento acadêmico da teologia, para me dedicar, em tempo integral, à pregação. A consequência daquele modo de fazer teologia, de fato, é que ela se torna sempre mais um diálogo com a elite acadêmica do momento, e sempre menos um nutrimento para a fé do povo de Deus.

Desta situação, só se sai acompanhando o estudo com a oração, falando a Deus, não falando sempre e só de Deus. Santo Agostinho realizou a sua teologia mais duradoura falando com Deus nas Confissões. “Se és teólogo, rezarás realmente, e se rezas realmente, serás teólogo”, dizia um antigo Padre do deserto[6]. Ajuda também a contemplação e a imitação da Mãe de Deus. Em sua vida terrena, ela não teve nada a ver com ideias abstratas sobre Deus e sobre seu filho Jesus, mas só com suas vivas realidades.

## **A fé e o mundo**

Acenei acima a um segundo significado da expressão “luz do mundo”, e é a ele que gostaria de dedicar a última parte da minha reflexão, também porque é aquela que nos diz respeito mais de perto. Trata-se, eu dizia, do significado, por assim dizer, instrumental, em que Jesus é luz do mundo: ou seja, dado que lança luz sobre todas as coisas; em relação ao mundo, faz o que faz o sol em relação à terra. O sol não ilumina e não revela a si mesmo, mas ilumina todas as coisas que estão sobre a terra e deixa ver cada coisa sob a justa luz.

Também neste segundo sentido, Jesus e o seu Evangelho têm um concorrente que é o mais perigoso de todos, sendo um concorrente interno, um inimigo dentro de casa. A expressão “luz do mundo” muda

completamente de significado conforme se toma a expressão “do mundo” como genitivo objetivo, ou como genitivo subjetivo; ou seja, dependendo se o mundo for o objeto iluminado ou, ao invés, o sujeito que ilumina. Neste segundo caso, não é o Evangelho, mas o mundo que deixa ver todas as coisas à própria luz. O Evangelista João exortava os seus discípulos com estas palavras:

Não ameis o mundo, nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo, não está nele o amor do Pai. Porque tudo o que há no mundo – o desejo da carne, o desejo dos olhos e a ostentação da riqueza – não vem do Pai, mas do mundo (1Jo 2,15-16).

O perigo de conformar-se a este mundo – a mundanização – é o equivalente, no âmbito religioso e espiritual, ao que, no âmbito social, chamamos de secularização. Ninguém (eu, menos do que todos) pode dizer que este perigo não paira também sobre ele ou ela. Um dito atribuído a Jesus em um antigo escrito não canônico afirma: “Se não jejuardes do mundo, não descobrireis o reino de Deus”[7]. Eis o jejum mais necessário hoje do que todos: jejuar do mundo, nesteuein tô kosmô, segundo o dito citado!

O mundo de que falamos e ao qual não devemos nos conformar não é o mundo criado e amado por Deus, não são os homens do mundo, dos quais, ao invés, devemos sempre ir ao encontro, especialmente os pobres, os últimos, os sofredores. O “misturar-se” com este mundo do sofrimento e da marginalização é, paradoxalmente, o melhor modo de “separar-se” do mundo, pois é ir lá, donde o mundo refulge com todas as suas forças. É separar-se do próprio princípio que rege o mundo, que é o egoísmo.

Antes do que nas obras, a mudança deve ocorrer no modo de pensar. São Paulo exortava os cristãos de Roma com as palavras:

Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, pela renovação da mente, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito (Rm 12,2).

Na origem da mundanização, há muitas causas, mas a principal é a crise de fé. É a fé o terreno de choque primário entre o cristão e o mundo. É pela

fé que o cristão não é mais “do” mundo. Entendido em sentido moral, o “mundo” é tudo o que se opõe à fé. “Pois todo o que foi gerado de Deus vence o mundo”, escreve João na Primeira Carta, “a nossa fé” (1Jo 5,4). Na Carta aos Efésios, a este respeito, há uma palavra sobre a qual vale a pena nos determos um pouco mais. Diz:

E vós estáveis mortos por causa de vossas transgressões e pecados, nos quais andastes outrora, seguindo o Mentor deste mundo, seguindo o Chefe das potências dos ares, o espírito que atualmente está agindo nos rebeldes (Ef 2,1-2).

O exegeta Heinrich Schlier fez uma análise penetrante deste “espírito do mundo”, considerado por Paulo o antagonista direto do “Espírito que vem de Deus” (1Cor 2,12). Um papel decisivo desempenha nisso a opinião pública. Hoje podemos chamá-lo, em sentido literal, de “espírito que está nos ares”, porque se difunde sobretudo pelos ares, pelos meios de comunicação virtual.

Determina-se – escreve Schlier – um espírito de grande intensidade histórica, ao qual o indivíduo dificilmente consegue se subtrair. Reside no espírito geral, é considerado óbvio. Agir, ou pensar, ou dizer algo contra ele é considerado coisa insensata ou mesmo uma injustiça ou um delito. Então, não se ousa mais pôr-se diante das coisas e das situações e, sobretudo, da vida, de maneira diversa de como ele as apresenta... Sua característica é interpretar o mundo e a existência humana à sua maneira[8].

É o que chamamos de “adaptação ao espírito dos tempos”. A moral da ópera mozartiana “Così fan tutte” (“Assim fazem todas”). Hoje possuímos uma imagem nova para descrever a ação corrosiva do espírito do mundo, o vírus de computador. Pelo pouco que sei, o vírus é um programa malignamente projetado que penetra no computador pelas vias mais insuspeitadas (troca de e-mails, sites da internet...), e, uma vez dentro, confunde ou bloqueia as operações normais, alterando os chamados “sistemas operacionais”.

O espírito do mundo age de modo análogo. Penetra em nós por mil e um canais, como o ar que respiramos, e, uma vez dentro, muda os nossos modelos operacionais: ao modelo “Cristo”, entra no lugar o modelo

“mundo”. O mundo também tem a sua “trindade”, os seus três deuses, ou ídolos para se adorar: prazer, poder, dinheiro. Todos depreciamos os desastres que eles provocam na sociedade, mas estamos certos de que, em nossa pequenez, nós mesmos não somos completamente imunes a eles?

A nossa maior consolação, nesta luta com o mundo que está fora de nós e aquele que nos está dentro, é saber que Cristo continua, como ressuscitado, a rezar ao Pai por nós com as palavras com que se despediu dos seus Apóstolos:

Não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno. Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo... Assim como tu me enviaste ao mundo, eu também os enviei ao mundo... Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que hão de crer em mim, pela palavra deles (Jo 17,15-20).

---

## NOTAS

[1] Cf. Tertuliano, *Apologeticum*, 39,9.

[2] Cf. Tomás de Aquino, *S.Th. I*, q.2, a.2, ad 1.

[3] Cf. Sigmund Freud, *Il disagio della civiltà*, IV.

[4] Cf. Gotthold Lessing, *Eine Duplik*, I, in *Werke* 3, Zrich 1974, p.149.

[5] Cf. Dante Alighieri, *Inferno*, XXVI,125.

[6] Cf. Evágrio do Ponto, *De oratione*, 60 (PG 79,1180).

[7] Cf. Clemente de Alexandria, *Stromati*, 111, 15; A. Resch, *Agrapha*, 48 (TU, 30, 1906, p. 68).

[8] Cf. H. Schlier, *Demoni e spiriti maligni nel Nuovo Testamento*, in *Riflessioni sul Nuovo Testamento*, Paideia, Brescia 1976, pp. 194ss (Ed. original in “*Geist und Leben* 31 (1958), pp. 173-183).

---

Tradução de Fr. Ricardo Farias

## TERCEIRA PREGAÇÃO

### “Eu sou o bom pastor”

Continuemos a nossa reflexão sobre os grandes “Eu Sou” de Cristo no Evangelho de João. Desta vez, Jesus não se apresenta a nós com símbolos de realidades físicas inanimadas – o pão, a luz –, mas com um personagem humano, o pastor: “Eu – diz – sou o bom pastor!”. Escutemos a parte do discurso em que está contida a autoproclamação de Cristo:

Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá sua vida pelas ovelhas. O mercenário, que não é pastor e a quem as ovelhas não pertencem, vê o lobo chegar, abandona as ovelhas e foge, enquanto o lobo as ataca e as dispersa. De fato, ele é apenas um mercenário e não se importa com as ovelhas. Eu sou o bom pastor. Eu conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai. Eu dou minha vida pelas ovelhas (Jo 10,11-15).

A imagem de Cristo “Bom Pastor” tem um lugar privilegiado na arte e nas inscrições paleocristãs. O Bom Pastor é apresentado, segundo o módulo clássico, no esplendor da juventude. Traz sobre as costas a ovelha, bem segura pelas patas. A imagem joanina do bom pastor é já amalgamada com aquela sinótica do pastor que vai em busca da ovelha perdida (Lc 15,4-7).

O contexto da passagem sobre o bom pastor é o mesmo dos dois capítulos precedentes, isto é, a discussão com “os judeus”, que acontece em Jerusalém, por ocasião da festa das Tendias. Mas, em João, sabe-se que o contexto conta relativamente, porque, diferentemente dos Sinóticos, ele não está preocupado em nos dar um relatório histórico e coerente da vida de Jesus (que parece dar por conhecido), mas um conjunto de “sinais” e ensinamentos do Mestre. Contudo, estes jamais aparecem fora do tempo e do espaço, como acontece nos livros de teologia, mas situados em lugares e tempos precisos (às vezes, mais precisos do que os próprios Sinóticos), que lhes conferem um valor “histórico” no sentido mais profundo do termo.

\*\*\*

Digamo-lo também: a imagem do bom pastor, e aquelas vinculadas de ovelha e de rebanho, realmente não estão na moda hoje em dia. Ao nos chamar de ovelhas, não teme Jesus em ferir a nossa sensibilidade e ofender a nossa dignidade de homens livres? O homem de hoje rejeita orgulhosamente o papel de ovelha e a ideia de rebanho. Não se dá conta de como, porém, na realidade, ele viva a situação que ele condena na teoria. Um dos fenômenos mais evidentes da nossa sociedade é a massificação. Imprensa, televisão, internet, são chamados “meios de comunicação de massa”, não só porque informam as massas, mas também porque as formam, massificam

Sem perceber, deixamo-nos guiar supinamente por todo tipo de manipulação e de persuasão oculta. Outros criam modelos de bem-estar e de comportamento, ideais e objetivos de progresso, e as pessoas os adotam; vão atrás, com medo de perder o passo, condicionados e sujeitados pela publicidade. Comemos o que nos dizem, vestimos como impõe a moda, falamos como ouvimos falar. Nós nos divertimos quando vemos um vídeo acelerado, com as pessoas que se movem por quadros, rapidamente, como marionetes; mas é a imagem que teríamos de nós mesmos se nos víssemos com um olhar menos superficial.

Para entender em que sentido Jesus se proclama o bom pastor e nos chama de suas ovelhas, é preciso referir-se à história bíblica. Israel foi, no início, um povo de pastores nômades. Os Beduínos do deserto nos dão hoje uma ideia daquela que um tempo foi a vida das tribos de Israel. Nesta sociedade, a relação entre pastor e rebanho não é somente de tipo econômico, baseada no interesse. Desenvolve-se uma relação quase pessoal entre o pastor e o rebanho. Dias e dias passados juntos em lugares solitários, sem qualquer alma viva por perto. O pastor acaba por conhecer tudo de cada ovelha; a ovelha reconhece a voz do pastor, que frequentemente fala em voz alta com as ovelhas, como se fossem pessoas. Isto explica como, para expressar sua relação com a humanidade, Deus se serviu desta imagem, hoje ambígua. “Ó Pastor de Israel, dá ouvido, tu, que conduzes José, como a uma ovelha”, reza o salmista (Sl 80,2).

Com a passagem da situação de tribos nômades àquela de povo sedentário, o título de pastor é dado, por extensão, também àqueles que

fazem as vezes de Deus na terra: os reis, os sacerdotes, os chefes em geral. Mas, neste caso, o símbolo se divide: não evoca mais apenas imagens de proteção, de segurança, mas também de exploração e opressão. Ao lado da imagem do bom pastor, aparece a do mau pastor. No profeta Ezequiel, encontramos uma terrível denúncia contra os maus pastores que apascentam apenas a si mesmos; nutrem-se de leite, vestem-se de lã, mas não cuidam minimamente das ovelhas, as quais tratam “com dureza” (cf. Ez 34,1ss). A esta denúncia contra os maus pastores, segue uma promessa: Deus mesmo, um dia, assumirá o cuidado amoroso de seu rebanho:

Procurarei a ovelha perdida, reconduzirei a desgarrada, enfaixarei a quebrada, fortalecerei a doente (Ez 34,16).

Jesus, no Evangelho, retoma este esquema do bom e do mau pastor, mas com uma novidade. “Eu – afirma – sou o bom pastor!”. A promessa de Deus tornou-se realidade, superando toda expectativa.

\*\*\*

Neste ponto, devemos trazer à mente o intuito ao qual nos propusemos com estas meditações: um intuito pessoal, mais que “pastoral”, fazer penetrar o Evangelho em nossa vida, para depois poder anuncia-lo ao mundo com mais credibilidade.

O discurso de Jesus tem dois atores: o pastor e o rebanho, ou seja, no singular, cada ovelha individualmente. Com qual dos dois nos identificaremos? Santo Agostinho, no aniversário da sua ordenação episcopal, dizia ao povo: “Para vós sou bispo, convosco sou cristão!”: “vobis sum episcopus, vobiscum sum christianus”[1]. E em outra ocasião: “Em relação a vós, somos como pastores, mas, em relação ao sumo Pastor, somos ovelhas como vós”[2]. Esqueçamos, portanto, o nosso papel – o seu, de pastores, e o meu, de pregador – e sintamo-nos apenas por uma vez e unicamente ovelhas do rebanho. Recordemos a pergunta que importa a Jesus no diálogo de Cesareia: “Para vós, quem sou?”. Como se dissesse: “Esquecei por um momento quem sou eu para as pessoas e concentraí-vos sobre vós mesmos”.

O grande psicólogo Carl Gustav Jung define o psiquiatra: “A wounded healer”: um curador ferido. O sentido da sua teoria é que é necessário conhecer as próprias feridas psicológicas para tratar daquelas dos outros e que conhecer as feridas dos outros ajuda a tratar as próprias. A intuição do psicanalista vale também para as feridas espirituais. O pastor da Igreja é também ele um wounded healer”, um enfermo que deve ajudar os outros a curar.

Busquemos ver qual é a principal doença da qual devemos nos tratar, para tratar os outros. Qual é a coisa que, do início ao fim da Bíblia, vem inculcada nas ovelhas em relação a Deus-Pastor? É para não ter medo! As palavras se acumulam na memória, neste ponto, começando por aquelas de Jesus: “Não tenhas medo, pequeno rebanho” (Lc 12,32), “Por que tendes medo, fracos na fé”, disse aos apóstolos, após ter acalmado a tempestade (Mt 8,26). Recordemos também algumas palavras familiares dos Salmos, não como simples citações bíblicas, mas fazendo-as nossas enquanto as escutamos:

*O Senhor é o meu pastor, nada me falta...*

*Mesmo se eu tiver de andar por um vale de sombra mortal, não temerei os males, porque estás comigo (Sl 23,1.4).*

*O Senhor é minha luz e minha salvação: de quem terei medo? O Senhor é o refúgio da minha vida: diante de quem tremerei? (Sl 27,1).*

Falamos, portanto, deste “mal obscuro” do medo, que tem tanto poder para roubar dos homens e mulheres a alegria de viver. O medo é a nossa condição existencial; ele nos acompanha desde a infância até a morte. A criança tem medo de muitas coisas; nós as chamamos de terrores infantis; o adolescente tem medo do sexo oposto e se envolve às vezes em complexos de timidez e de inferioridade; Jesus deu um nome aos nossos principais medos de adultos: medo do amanhã – “que comeremos?” – (Mt 6,31), medo do mundo e dos poderosos – “dos que matam o corpo” (Mt 10,28). Sobre cada um destes medos, pronunciou o seu: Nolite timere! Esta não é uma palavra vazia e impotente; é uma palavra eficaz, quase sacramental. Como todas as palavras de Jesus, opera o que significa; não é como o simples:

“Tem coragem!” que, os seres humanos, dizemo-nos uns aos outros, seres humanos.

\*\*\*

Mas o que é o medo? Deixemos de lado a angústia existencial sobre a qual discutem os filósofos há um século e meio. Falamos dos medos comuns e familiares. Podemos dizer que o medo é a reação a uma ameaça ao nosso ser, a resposta a um perigo real ou presumido: do maior perigo de todos, que é o da morte, aos perigos particulares que ameaçam ou a tranquilidade, ou a incolumidade física, ou o nosso mundo afetivo. O medo é uma manifestação do nosso instinto fundamental de conservação. Conforme se trate de perigos objetivos e reais, ou imaginários, fala-se de medos justificados e injustificados, ou mesmo de neuroses: claustrofobia, agorafobia, medo de doenças imaginárias, e assim por diante.

A psicologia e a psicanálise buscam tratar medos e neuroses analisando-os e trazendo-os do inconsciente ao consciente. O Evangelho não desvia destes meios humanos, antes, encoraja-os, mas acrescenta algo que nenhuma ciência pode dar. São Paulo escreve: “Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada?... Em tudo isso, porém, somos mais que vencedores, graças àquele que nos amou” (Rm 8,35.37). Aqui, a libertação não está em uma ideia ou em uma técnica, mas em uma pessoa! O “solvente” de todo medo é Cristo, que disse aos seus discípulos: “Tende coragem! Eu venci o mundo” (Jo 16,33).

Do âmbito pessoal, o Apóstolo alarga o olhar sobre o grande cenário do espaço e do tempo, dos pequenos medos individuais passa a aos grandes e universais. Escreve:

“Tenho certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potências, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura qualquer será capaz de nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8,38-39).

“Nem a morte, nem a vida!”. Cristo venceu a coisa que mais nos causa medo no mundo, a morte. Dele, a Carta aos Hebreus, afirma que ele morreu “para destruir, com a sua morte, aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo. Assim libertou os que, por medo da morte, estavam a vida toda sujeitos à escravidão” (Hb 2,14-15).

“Nem a altura, nem a profundidade”, ou seja: nem o infinitamente grande como o universo, com as proporções que estão se dilatando sempre mais, nem o infinitamente pequeno – o átomo – do qual já descobrimos, por nosso risco, a terrível potência. Hoje, estamos mais do que nunca expostos a este gênero de medos cósmicos. O homem moderno percebe intensamente a sua vulnerabilidade de um modo violento e enlouquecedor. O que será do amanhã do nosso planeta se, apesar dos gritos de alarme do Papa e das pessoas mais responsáveis da sociedade, continuamos, a rédeas soltas, a consumir e poluir?

Ao término das suas reflexões filosóficas sobre o perigo da técnica para o homem moderno, Martin Heidegger, quase desistindo, exclamava: “Só um deus pode nos salvar!”[3]. “Um deus” (letra minúscula!) é o habitual modo mítico para falar de algo que está acima de nós. Tiramos o artigo indefinido e dizemos “só Deus” (e sabemos qual Deus!) pode nos salvar!”.

Não é jogar sobre Deus as nossas responsabilidades, mas crer, que, no fim, “tudo coopera para o bem daqueles que amam a Deus” [e que Deus ama!] (cf. Rm 8,28). Quando se deve tratar com Deus, a medida é a eternidade. Podemos ficar desiludidos no tempo, mas não pela eternidade. Nós, cristãos, temo sum motivo bem mais forte do que o salmista para repetir, diante das perturbações físicas e morais do mundo:

*Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro sempre encontrado nos perigos.*

*Por isso, não temeremos, se a terra tremer, e se as montanhas afundarem no mar (Sl 46).*

\*\*\*

Mas não tomamos ainda em consideração a coisa mais consoladora que o Evangelho tem a nos dizer sobre nossos medos e angústias! Após ter exortado, de mil e uma maneiras, os seus discípulos a não temer, ele fez algo a mais. Jamais se ouvira dizer, na Bíblia, que o bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas. Que as conhece, guia, cuida, defende, isto sim; mas não que dá a vida por elas. Jesus prometeu fazê-lo e fez!

Ele tomou sobre si os nossos medos. Diz o autor da Carta aos Hebreus: “Ele, nos dias de sua vida terrena dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas, àquele que tinha poder de salvá-lo da morte” (Hb 5,7). O autor alude ao que aconteceu em Jesus noite do Getsêmani. O Evangelista Marcos diz que no Horto das Oliveiras Jesus “começou a sentir pavor e angústia. Ele disse aos discípulos: ‘Minha alma está triste até a morte! Ficai aqui e vigiai’” (Mc 14,33-34). Jesus se sente sé, tirado do convívio humano; pede aos apóstolos que lhe estivessem perto, que ficassem com ele. A mesma Carta aos Hebreus evidencia a mensagem consoladora para nós nesta misteriosa página do Evangelho:

De fato, não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer de nossas fraquezas, pois ele mesmo foi tentado em tudo, à nossa semelhança, sem todavia pecar. Aproximemo-nos então, com confiança, do trono da graça, para conseguirmos misericórdia e alcançarmos a graça do auxílio no momento oportuno (Hb 4,15-16).

Tomando-os sobre si, Jesus redimiou também nossos medos e angústias. “Por seus ferimentos fomos curados”, fala dele a Escritura (Is 53,5-6; 1Pd 2,24). Jesus é o verdadeiro “wounded healer”, do qual fala o psicólogo, o ferido que cura as feridas. Fez dos medos e das angústias ocasiões de crescimento em humanidade e em compreensão dos demais.

Mas nem mesmo isto esgota o que o Evangelho tem a nos dizer acerca de nossos medos. Se tudo terminasse aqui, a nossa consolação seria ainda incompleta. Teríamos diante dos olhos um heroico e comovente exemplo a seguir, mas não uma mão que nos sustenta. Mas eis o segundo grande anúncio do Evangelho: o curador ferido ressuscitou da morte e disse: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20). Não nos deu só o exemplo de como vencer a angústia; deu-nos o meio para vencê-la: a sua presença e a sua graça. A Paulo, que se entristecia por causa

de seu “espinho na carne”, o Ressuscitado responde: “Basta-te a minha graça!” (2Cor 12,9).

Os mártires fizeram – e ainda continuam fazendo! – a experiência tangível disso. Nos Atos dos mártires cartagineses, mortos sob o imperador Sétimo Severo nos primeiros anos do III século (dos mais fidedignos, historicamente, dentre todos os Atos dos mártires!), lê-se que uma deles, de nome Felicidade, estava grávida no oitavo mês e, no cárcere, gemia em dores de parto. Um dos carcereiros lhe disse: “Se te lamentas agora, o que farás quando fores lançada às feras na arena?”. E ela respondeu: “Agora sou eu quem sofro, então outro sofrerá por mim!”[4].

Temo sum exemplo mais perto de nós. No cárcere e na véspera de ser enforcado, após a tentativa fracassada de golpe de estado contra Hitler, o Pastor Dietrich Bonhoeffer escreveu estes versos, que frequentemente são usados como hino litúrgico:

Por forças amigas maravilhosamente envoltos aguardamos com calma o porvir. Deus está conosco ao entardecer e pela manhã, estará conosco a cada novo dia[5].

\*\*\*

Impusemo-nos em não falar, nestas meditações, do que devemos fazer pelos outros, mas somente do que Jesus é e faz por nós: de nos identificarmos com as ovelhas, mão com o pastor. Mas devemos fazer uma pequena exceção nesta ocasião. Apesar de todas as exortações do Evangelho, nem sempre está em nosso poder nos livrarmos do medo e da angústia. Em contrapartida, está em nosso poder libertar alguém (ou ajudá-lo a se libertar) deles.

Pascal escreveu em seu Memorial: “Jesus está em agonia até o fim do mundo, e não devemos deixá-lo só por todo este tempo”[6]. Ele continua a estar em agonia porque, na dimensão da eternidade em que entrou, não existe mais um passado, mas tudo está misteriosamente presente, também a sua noite no Getsêmani. Mas está em agonia também em um outro modo menos misterioso. Está em seu corpo místico: naqueles que são oprimidos

pela angústia e pelo medo por causa da solidão, das doenças, da perseguição, do exílio, da guerra. Somos nós agora os olhos, a boca e as mãos de Cristo. Buscamos, assim, trazer conforto a alguns deles e ouviremos dizer no coração: “Foi a mim que o fizestes!” (Mt 25,40). Devemos ser também nós – pastores ou simples fiéis – igualmente wounded healers, pobres doentes que curam os demais.

Concluo com uma historieta que muitos, penso, conhecem, mas que ajuda a incidir em nós a imagem de Jesus que nos leva sobre as costas nos momentos difíceis da nossa vida. Fala de um homem que, em sonho, revê toda a sua vida. Eis um breve resumo da história:

Caminho pela areia da praia, deixando atrás não um, mais dois pares de pegadas. Compreendo que o segundo par são as pegadas de Jesus, que caminha ao meu lado e estou feliz. Mas eis que, em certo ponto, aquele segundo par desaparece e, na areia, vejo apenas as pegadas de dois pés. Isto, percebo, acontece justamente em correspondência aos momentos mais escuros e difíceis da minha vida. Eu me lamento e digo: “Senhor, tu me deixaste só justamente quando eu mais precisava de ti!”. “Filho – responde-me Jesus –, aquelas duas únicas pegadas eram as minhas. Eu te carreguei sobre meus ombros!”.

---

## NOTAS

[1] Cf. Agostinho, Sermo 340,1 (PL 38,1483).

[2] Cf. Agostinho, Comentário aos Salmos, 126,3.

[3] Cf. Martin Heidegger, Antwort. Martin Heidegger im Gespräch, Gesamtausgabe, vol. 16, Frankfurt 1975.

[4] Cf. Passio Sanctarum Perpetuae et Felicitatis, XV (Ed. C.J. von Beek, Bonn 1938).

[5] Von guten Mächten wunderbar geborgen / erwarten wir getrost, was kommen mag. Gott ist mit uns am Abend und am Morgen / und ganz

gewiss an jedem neuen Tag.

[6] Cf. B. Pascal, Pensamentos, 553, ed. Br.

---

Tradução de Fr. Ricardo Farias

---

## QUARTA PREGAÇÃO

### “Eu sou a ressurreição e a vida”

Em nosso comentário aos solenes “Eu Sou” de Cristo no Evangelho de João, chegamos ao capítulo 11. Ele está todo ocupado pelo episódio da ressurreição de Lázaro. O ensinamento que João quis transmitir à Igreja com a sábia composição do capítulo pode ser resumido em três pontos:

Primeiro ponto: Jesus ressuscita o amigo Lázaro (Jo 11,1-44).

Segundo ponto: A ressurreição de Lázaro provoca a condenação de Jesus à morte (11,47-50):

Os chefes dos sacerdotes e os fariseus reuniram então o sinédrio e discutiam: “Que vamos fazer, visto que este homem faz muitos sinais? Se o deixarmos continuar assim, todos crerão nele, e os romanos virão destruir nosso Lugar Santo e nossa nação”. Um deles, chamado Caifás, sumo sacerdote naquele ano, disse-lhes: “Vós não entendeis nada! Não considerais ser melhor para vós, que um só morra pelo povo e não pereça a não inteira?”.

Terceiro ponto: A morte de Jesus obterá a ressurreição de todos os que creem nele (11,51-53). O Evangelista assim comenta:

Caifás não falou isso por si mesmo, mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus haveria de morrer pela nação, e não só pela nação, mas também para reconduzir à unidade os filhos de Deus dispersos. A partir desse dia decidiram matar Jesus.

Resumindo, a ressurreição de Lázaro provoca a morte de Jesus; a morte de Jesus provoca a ressurreição de quem crer nele!

\*\*\*

Agora podemos nos concentrar na palavra de autorrevelação contida no contexto:

Jesus respondeu: “Teu irmão vai ressuscitar”. Marta disse: “Eu sei que ele vai ressuscitar, na ressurreição do último dia”. Então Jesus declarou: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá (11,23-26).

“Eu sou a ressurreição!”. Perguntamo-nos: de qual ressurreição Jesus fala aqui? Marta pensa na ressurreição final. Jesus não nega esta ressurreição “do último dia”, que ele mesmo promete em outra parte (Jo 6,54), mas aqui anuncia uma coisa nova: que a ressurreição começa já, desde agora, para quem crê nele. Santo Agostinho comenta: “O Senhor nos indicou uma ressurreição dos mortos que precede a ressurreição final. E não se trata de uma ressurreição como aquela de Lázaro ou do filho da viúva de Naim... que ressuscitaram para morrer uma outra vez, mas no sentido que afirma aqui: “...tem a vida eterna”[1].

Como se vê, a ideia de uma ressurreição “espiritual” e existencial, que acontece já nesta vida graças à fé, não era desconhecida na tradição cristã. A novidade interveio quando se quis fazer dela o único significado da palavra de Jesus. É conhecida a posição de Bultmann, já em grande parte superada, mas que se impunha quando eu estudava teologia. Segundo ele, a ressurreição de que fala Jesus é uma ressurreição existencial, um despertar de consciência, baseado na fé. Estamos na linha do vago “apelo à decisão” e do “decidir-se por Deus”, aos quais ele reduz quase toda a mensagem do Evangelho.

Mas João dedica dois capítulos inteiros do seu Evangelho à ressurreição real e corporal de Jesus, fornecendo algumas das informações mais detalhadas sobre ela. Para ele, portanto, não é apenas “a causa de Jesus”, isto é, a sua mensagem, que ressuscitou da morte – como alguém escreveu[2] – mas a sua pessoa!

A ressurreição atual não substitui aquela final do corpo, mas é a sua garantia. Ela não anula e não torna inútil a ressurreição de Cristo do túmulo, mas antes se funda justamente sobre ela. Jesus pode dizer “Eu sou a

ressurreição”, porque ele é o Ressuscitado! A dimensão existencial depende daquela real, não a substitui.

Antes de João, foi o Apóstolo Paulo a afirmar o vínculo indissolúvel entre a fé cristã e a ressurreição real de Cristo. É sempre útil e salutar recordar as suas veementes palavras aos Coríntios:

E se Cristo não ressuscitou, é vã é a nossa pregação, e vã nossa fé. Assim também seríamos considerados falsas testemunhas de Deus, porque testemunhamos contra ele que ressuscitou Cristo, a quem, de fato, não ressuscitou, se é verdade que os mortos não ressuscitam... E se Cristo não ressuscitou, a vossa fé é ilusória e ainda estais nos vossos pecados (1Cor 15,14-17).

Jesus mesmo indicara a sua ressurreição como o sinal por excelência da autenticidade da sua missão. Aos adversários que lhe pediam um sinal, ele dá uma resposta que dificilmente pode ser atribuída a outrem senão ao próprio Jesus:

Uma geração má e adúltera busca um sinal, mas nenhum sinal lhes será dado, a não ser o sinal do profeta Jonas. De fato, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim também o Filho do Homem estará três dias e três noites no seio da terra (Mt 12,39-40).

Os seus opositores sabiam bem que Jonas não permanecera para sempre no ventre da baleia, mas que tinha saído dela após três dias.

Em uma meditação anterior, falei do pré-julgamento presente nos não crentes em relação à fé, que não é menor do que aquele que reprovam nos fiéis. Reprovam nos fiéis, de fato, em não poderem ser objetivos, a partir do momento em que a fé lhes impõe, em princípio, a conclusão a que devem chegar, sem se darem conta de que igualmente acontece com ele. Se se parte do pressuposto de que Deus não existe, que o sobrenatural não existe e que os milagres não são possíveis, também a conclusão a que se chegará é dada em princípio, por isso, literalmente, um pré-juízo.

A ressurreição de Cristo constitui o caso mais exemplar disso. Nenhum evento da antiguidade é sufragado por tantos testemunhos de primeira mão

como este. Alguns deles remetem-se a personalidades do calibre intelectual de Saulo de Tarso, que anteriormente combatera ferozmente tal crença. Ele fornece um elenco detalhado de testemunhas, algumas das quais ainda em vida, que poderiam, por isso, facilmente desmenti-lo (1Cor 15,6-9).

Tira-se proveito das discordâncias acerca dos lugares e tempos das aparições, sem se dar conta de que esta coincidência não programada sobre o fato central é uma comprovação da verdade histórica deste, mais do que um desengano. Nenhuma “harmonia preestabelecida” neste caso! Antes de serem postos por escrito, os eventos da vida de Jesus foram por décadas transmitidos por via oral – e variações e adaptações marginais são típicos de toda narrativa que uma comunidade viva e em expansão faz das próprias origens, segundo os lugares e as circunstâncias. É a conclusão a que chegou a mais recente e abalizada pesquisa crítica sobre os Evangelhos[3].

De resto, não há apenas as aparições. São João Crisóstomo tem, a respeito, uma famosa página, à qual toda a investigação crítica moderna não tirou nada da sua força de convicção. Dizia, assim, em uma homilia ao povo:

Donde vem que doze homens, e ignorantes, que viviam às margens dos lagos, dos rios e no deserto, enfrentassem tal empreendimento e aqueles que talvez jamais haviam ido a uma cidade e a uma praça, se entregassem à luta contra toda a terra? Que na prisão de Cristo, depois de tantos milagres, uns fugiram, e outro, o chefe de todos eles, o negou. De onde vem que eles, enquanto Cristo vivia, não enfrentaram o ataque dos judeus, e depois de morto e sepultado, (...) armaram-se contra a terra inteira? Acaso não diriam a si mesmos: O que é isto? Não pôde salvar-se a si mesmo e nos protegerá? Enquanto vivo não socorreu a si próprio, e estender-nos-á a mão depois de morto? Enquanto viveu, não submeteu nem um só povo, e nós, proferindo seu nome, converteremos o orbe todo? Não seria desarrazoado não só agir assim, mas até mesmo pensar? É evidente que, se não o tivessem visto ressuscitado, com uma grande prova de seu poder, não se teriam aventurado a obra tão perigosa[4].

A todas estas provas, o não crente não pode opor senão a convicção de que a ressurreição dos mortos é algo de sobrenatural e o sobrenatural não existe. E o que é isto se não, justamente, um pré-juízo e um “a priori”?

Fides christianorum resurrectio Christi est, escreveu Santo Agostinho: “A fé dos cristãos é a ressurreição de Cristo. Todos acreditam que Jesus esteja morto, também os malvados o creem, mas nem todos creem que tenha ressuscitado e não somos cristãos se não cremos nisso”[5]. Este é o verdadeiro artigo com o qual “a Igreja ou está ou cai”. Nos Atos, os Apóstolos são definidos simplesmente como “testemunhas da sua ressurreição” (At 1,22;2,32). Portanto, valeria a pena refrescar a nossa fé nela, antes de celebrá-la liturgicamente em algumas semanas.

\*\*\*

Só agora, após ter assegurado o fato histórico da Ressurreição de Cristo, podemos dedicar a nossa atenção ao significado existencial da palavra de Jesus, que é o que mais nos interessa no contexto destas meditações. Comentando o episódio dos mortos ressuscitados e que apareceram em Jerusalém no momento da morte de Cristo (Mt 27,52-53), São Leão Magno escreve: “Aparecem também agora na Cidade Santa [isto é, na Igreja] os sinais da futura ressurreição e o que deve se cumprir um dia nos corpos, cumpra-se agora nos corações[6]. Há, em outras palavras, dois tipos de ressurreição: há uma ressurreição do corpo que acontecerá no último dia e há uma ressurreição do coração que deve acontecer cada dia!

A melhor maneira para descobrir o que se entende por ressurreição do coração é observar o que a ressurreição física de Jesus produziu espiritualmente na vida dos Apóstolos. Pedro inicia a sua Primeira Carta com estas elevadas palavras:

Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Em sua grande misericórdia, pela ressurreição de Jesus dentre os mortos, ele nos fez nascer de novo para uma esperança viva, para uma herança que não se desfaz, não se estraga nem se altera, e que é reservada para vós nos céus (1Pd 1,3-4).

A ressurreição do coração, portanto, é o renascimento da esperança. Estranhamente, a palavra “esperança” está ausente na pregação de Jesus. Os Evangelhos referem muitas de suas frases sobre a fé e sobre a caridade, mas nenhuma sobre a esperança, mesmo que toda a sua pregação proclame que existe uma ressurreição dos mortos e uma vida eterna. Ao contrário, após a

Páscoa, vemos literalmente explodir a ideia e o sentimento da esperança na pregação dos Apóstolos. Deus mesmo é definido “o Deus da esperança” (Rm 15,13). A explicação da ausência de frases sobre a esperança no Evangelho é simples: Cristo devia antes morrer e ressurgir. Ressurgindo, abriu a fonte da esperança; inaugurou o próprio objeto da esperança, que é uma vida com Deus além da morte.

Tentemos ver o que poderia produzir um renascimento da esperança em nossa vida espiritual. Os Atos dos Apóstolos narram o que acontece, um dia, diante da porta do templo de Jerusalém chamada “Formosa”. Ao lado dela jazia um coxo pedia esmolas. Um dia, passaram por ali Pedro e João, e sabemos o que acontece. O coxo, curado, pôs-se em pé e, finalmente, depois de quem sabe há quantos anos ali jazia abandonado, também ele cruza aquela porta e entra no templo “saltando e louvando a Deus” (At 3,1-9).

Algo de semelhante poderia acontecer também a nós, graças à esperança. Frequentemente nos encontramos também nós, espiritualmente, na posição do coxo no limiar do templo; inertes e tíbios, como que paralisados diante das dificuldades. Mas eis que a esperança divina passa ao nosso lado, trazida pela palavra de Deus, e diz também a nós, como Pedro disse ao coxo e como Jesus disse ao paralisado: “Levanta-te e anda!” (Mc 2,11). E nós nos levantamos e finalmente entramos no coração da Igreja, prontos para assumir, de novo e com alegria, as tarefas e responsabilidades que não são designadas pela Providência e pela obediência. Estes são os milagres diários da esperança. Ela é realmente uma grande taumaturga, operadora de milagres; reergue milhares de coxos e paralisados espirituais, milhares de vezes.

O que é extraordinário na esperança é que a sua presença muda tudo, mesmo quando exteriormente não muda nada. Tenho um pequeno exemplo em minha vida. Sou uma pessoa que sente muito mais frio do que calor. Agora, na Itália, em março, no início da primavera, a temperatura, como se sabe, é mais ou menos a mesma que no fim de outubro e início de novembro. Mesmo assim, por anos notei que o frio de março me causava menos problema do que o de novembro. Perguntei-me por que, se a temperatura é a mesma, e finalmente descobri a razão. O frio de novembro

é um frio sem esperança, porque se está caminhando para o inverno; o frio de março é um frio com esperança, porque se está caminhando para o verão!

\*\*\*

A Carta aos Hebreus compara a esperança a “uma âncora da alma, segura e firme”. Segura e firme porque lançada não à terra, mas no céu, não no tempo, mas na eternidade, “para além da cortina do Santuário”, diz a Carta aos Hebreus (Hb 6,18-19). Este símbolo da esperança tornou-se clássico. Mas também temos uma outra imagem da esperança – em certo sentido, oposta à precedente – isto é, a vela. Se a âncora é o que dá segurança ao barco e o mantém firme em meio às ondas do mar, a vela é o que o faz mover e avançar no mar.

De ambos os modos opera a esperança, tanto em relação ao barco, que é a Igreja, quanto ao barquinho da nossa vida. É realmente como uma vela que capta o vento e, sem barulho, transforma-o em uma força motriz que transporta o barco sobre as águas. Como a vela, nas mãos de um bom marinheiro, tem condições de aproveitar qualquer vento, donde quer que sopra, favorável ou desfavorável, para mover o barco na direção desejada, assim faz a esperança.

Antes de tudo, a esperança nos vem em auxílio ao nosso caminho pessoal de santificação. A esperança se torna, em quem a põe em prática, o próprio princípio do progresso espiritual. Ela está sempre a postos para descobrir novas “ocasiões de bem”, sempre realizáveis. Por isso, não se permite acomodar na tibieza e na acídia. A esperança é o exato oposto do que às vezes se pensa. Não é uma disposição interior bela e poética que faz sonhar e construir mundos imaginários. Ao contrário, é muito concreta e prática. Passa o seu tempo colocando-nos sempre tarefas a cumprir.

Quando, em uma determinada situação, não há absolutamente nada o que fazer – diz o filósofo Kierkegaard, em um dos seus edificantes discursos –[7], aí sim, seriam a paralisia e o desespero. Mas a esperança descobre sempre que há algo que pode ser feito para melhorar a situação: trabalhar mais, ser mais obedientes, mais humildes, mais mortificados.

Quando estiver tentado em dizer a si mesmo: “Não há mais nada a fazer” (é ainda Kierkegaard quem nos fala), a esperança vem e lhe diz: “Reze!”. Você responde: “Mas eu rezei!”, e ela: “Reze ainda!”. E, mesmo que a situação se torne de tal forma dura, que não pareça haver realmente nada mais a fazer, a esperança nos indica ainda uma tarefa: resistir até o fim e não perder a paciência. Isto, evidentemente, não é possível pelos nossos esforços, mas só pela graça de Deus, que nos vem em auxílio e não nos deixa sós.

A esperança tem uma relação privilegiada, no Novo Testamento, com a paciência. É o contrário da impaciência, da pressa, do “tudo e imediatamente”. É o antídoto ao desânimo. Mantém vivo o desejo. É também uma grande pedagoga, no sentido de que não indica tudo de uma vez – tudo o que deve ou pode ser feito – mas nos põe diante de uma possibilidade por vez. Dá só “o pão de cada dia”. Distribui o esforço e permite, assim, realizá-lo.

A Escritura continuamente evidencia esta verdade: que a tribulação não tira a esperança, mas, ao contrário, aumenta-a: “A tribulação – escreve o Apóstolo – gera a perseverança, a perseverança leva a uma virtude comprovada, e a virtude comprovada desabrocha em esperança. Ora, a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,3-5).

A esperança necessita da tribulação como a chama necessita do vento para se reforçar. As razões de esperança terrenas devem morrer, uma após a outra, para que venha à tona a verdadeira razão inabalável, que é Deus. Acontece como no lançamento de um navio. É necessário que sejam removidos os andaimes que sustentavam artificialmente o navio, quando estava em construção, e que sejam tirados um após o outro os suportes, para que possa flutuar e avançar livremente sobre a água.

A tribulação nos tira toda “amarra” e nos leva a esperar só em Deus. Conduz àquele estado de perfeição que consiste em esperar quando parece não haver esperança (Rm 4,18), isto é, em continuar a esperar confiando na palavra uma vez pronunciada por Deus, também quando toda razão humana para esperar desapareceu. Tal foi a esperança de Maria sob a cruz e, por isso, a piedade a invoca com o título de Mater Spei, mãe da esperança.

A força transformadora da esperança está maravilhosamente descrita em uma belíssima passagem de Isaías:

Até os adolescentes se afadigam e cansam, e mesmo os jovens às vezes tropeçam! Aqueles, porém, que esperam no Senhor, renovam suas forças, criam asas como de águia, correm e não se afadigam, caminham e não se cansam (Is 40,30-31).

O oráculo é a resposta ao lamento do povo que diz: “Do Senhor está escondido o meu caminho”. Deus não promete tirar as razões do cansaço e da exaustão, mas dá esperança. A situação permanece, de per si, a que era, mas a esperança dá a força para superá-la.

No livro do Apocalipse lemos que: “Quando viu que tinha sido lançado à terra, o dragão começou a perseguir a mulher que tinha dado à luz o menino. Mas a mulher recebeu as duas asas da grande águia e voou para o deserto” (Ap 12,13-14). Se a imagem das asas da águia se inspira, como parece claramente, no texto de Isaías, isso significa que a toda a Igreja foram dadas as grandes asas da esperança, para que com elas possa, toda vez, fugir dos ataques do mal e superar toda dificuldade. Hoje, como outrora.

Concluamos escutando, como se feita agora sobre nós, a invocação que o Apóstolo Paulo faz em favor dos fiéis de Roma ao término da sua Carta endereçada a eles:

O Deus da esperança vos encha de toda alegria e paz em vossa fé. Assim, vossa esperança abundará, pelo poder do Espírito Santo (Rm 15,13).

---

## NOTAS

[1] Cf. Agostinho, Tratado sobre o Evangelho de João, 19,9.

[2] Cf. W. Marxsen, La risurrezione di Gesù di Nazareth, Bologna 1970 (ed. ingl. The Resurrection of Jesus of Nazareth, London 1970).

[3] Cf. J.D.G. Dunn, Gli albori del Cristianesimo, 3 voll., Paideia, Brescia 2006, sintetizado em seu livro Cambiare prospettiva su Gesù, Paideia, Brescia 2011.

[4] Cf. João Crisóstomo, Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios, 4,4 (PG 61,35ss).

[5] Cf. Agostinho, Enarr. in Psalms, 120,6.

[6] Cf. Leão Magno, Sermo 66,3: PL 54,366.

[7] Cf. Søren Kierkegaard, Gli atti dell'amore, Parte II, n. 3.

---

Tradução de Fr. Ricardo Farias

## QUINTA PREGAÇÃO

### “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”

Em nosso itinerário em meio ao Quarto Evangelho, à descoberta de quem é Jesus para nós, chegamos à última etapa. Entramos naqueles que se costuma definir “os discursos de adeus” de Jesus e aos seus apóstolos. Desta vez, não tento nem mesmo fazer um resumo do contexto e trazer à luz as diversas unidades e subdivisões. Seria como querer traçar quadros e distinguir setores em uma lava fundida que desce da cratera. Por isso, vamos diretamente à palavra que queremos captar nesta meditação:

*“Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, porque vou preparar-vos um lugar. E depois que eu tiver ido preparar-vos um lugar, voltarei e vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também. E para onde eu vou, sabeis o caminho”. Tomé disse: “Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos saber o caminho?”. Jesus respondeu: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,2-6).*

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”: palavras que apenas uma pessoa no mundo poderia pronunciar e pro nunciou de fato. Cristo é o caminho e é a meta da viagem. Como Verbo eterno do Pai, é a verdade e a vida; como Verbo feito carne, é o caminho.

Tivemos ocasião para contemplar Cristo como Vida, comentando a sua palavra “Eu sou o pão da vida”, como Verdade comentando outra sua palavra “Eu sou a luz do mundo”. Concentremo-nos, por isso, em Cristo Caminho. Após ter contemplado Cristo como *dom*, temos a ocasião para contemplá-lo como *modelo*. “Como – escreve Kierkegaard – a Idade Média se desviara sempre mais ao acentuar o lado de Cristo como modelo, Lutero acentuou o outro lado, afirmando que ele é dom e que este dom, compete à fé aceita-lo”. Mas agora – acrescentava o mesmo autor – deve-se insistir também em Cristo modelo, se não quisermos que a doutrina sobre a fé se resuma a uma folha de figo que cubra as omissões mais anticristãs[1].

Jesus continua a dizer àqueles que encontra – isto é, a nós, neste momento – o que dizia aos apóstolos e àqueles que encontrava durante a sua vida terrena: “Vinde após mim”, ou mesmo ao simples “Segue-me!”. O seguimento (em grego, *acolouthia*) de Cristo, é um tema ilimitado. Sobre ele, foi escrito o livro mais amado e mais lido na Igreja, após a Bíblia, ou seja, a *Imitação de Cristo*. Limita-nos em dizer sobre ele o tanto que nos serve para passar a algumas aplicações práticas, sempre de caráter espiritual e pessoal, como nos determinamos nestas meditações.

O tema do seguimento de Cristo ocupa um lugar relevante no IV Evangelho. Seguir Jesus é quase sinônimo de crer nele. Crer, contudo, é uma atitude da mente e da vontade; a imagem do “caminho” e do “caminhar” evidencia um aspecto importante do crer, que é o “caminhar”, isto é, o dinamismo que deve caracterizar a vida do cristão e a repercussão que a fé deve ter na conduta de vida. O seguimento – ao contrário da fé e do amor – não indica apenas uma atitude particular da mente e do coração, mas delineia ao discípulo um programa de vida que implica um compartilhamento total: do modo de viver, do destino e da missão do Senhor.

\*\*\*

Com a relevância dada ao episódio da lavagem dos pés, João quis sublinhar um âmbito particular e prioritário do seguimento de Cristo, o do serviço (Jo 13,12-15). Mas não falarei do serviço. A este tema, dediquei a última pregação da Quaresma passada, e não é o caso de me repetir. Também porque creio ser o menos qualificado para falar de serviço, tendo exercido, em minha vida, quase que apenas “o serviço da Palavra” que, por mais importante que seja, é também relativamente fácil e mais gratificante do que muitos outros serviços na Igreja.

Gostaria mais de falar do que caracteriza o seguimento de Cristo e o distingue de todo outro tipo de seguimento. De um artista, de um filósofo, de um letrado, diz-se que se formou na escola deste ou daquele renomado mestre. Também de nós, religiosos, diz-se que nos formamos na escola, de Bento, de Domingos, de Francisco, de Inácio de Loyola e de outros homens ou mulheres. Mas, entre este seguimento e o de Cristo há uma diferença

essencial. Ela é expressa, como melhor não se poderia fazer, pelas palavras do próprio João, no final do Prólogo do seu Evangelho: “*A Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo*”(Jo 1,17).

Para nós, religiosos, isto significa: a regra nos foi dada por meio do nosso Fundador ou Fundadora, mas a graça e a força para colocá-la em prática só nos vêm de Jesus Cristo. Para nós e para todos os cristãos, do mesmo modo, esta palavra significa também uma outra coisa, ainda mais radical: o Evangelho nos foi dado pelo Jesus terreno, mas a capacidade de observá-lo e pô-lo em prática só nos vem de Cristo ressuscitado, mediante o seu Espírito!

A respeito, Santo Tomás de Aquino escreveu palavras que, nos lábios de um doutor menos fidedigno do que ele, deixar-nos-iam perplexos. Comentando a frase paulina “a letra mata, mas o Espírito faz viver” (2Cor 3,6), ele escreve: “Por letra, entende-se toda lei escrita que permanece fora do homem, mesmo os preceitos morais contidos no Evangelho; por isso, também a letra do Evangelho mataria, se não fosse acrescentada a graça da fé que cura”[2].E pouco antes disse explicitamente que “a graça que nos cura” não é outra coisa senão “a mesma graça do Espírito Santo que dada aos crentes”[3]. Entendera-o por experiência pessoal Santo Agostinho e, por isso, inventou aquela sua extraordinária oração: “Senhor, tu me ordenas ser casto. Pois bem, dá-me o que me ordenas e de pois ordena-me o que quiseres”[4].

Eis porque boa parte dos discursos de Jesus na última ceia tem por assunto o Espírito Paráclito que ele enviaria sobre os apóstolos. Recordemos algumas das promessas a respeito:

*Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não sois capazes de suportá-las agora. Quando ele vier, o Espírito da Verdade, então ele vos guiará a toda a verdade. Ele não falará de si mesmo, mas dirá tudo quanto tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, para vo-lo anunciar (16,12-14).*

Se Jesus é “o Caminho” (em grego, *odòs*), o Espírito Santo é “o Guia” (em grego, *odegòs*, ou *odegìa*). Assim já o definia São Gregório de Nissa[5], e assim o invoca a Igreja Latina no *Veni Creator*. Os dois versículos “*Ductore*

sic te praeviso – vitemus omne noxium”, de fato significam, “assim guiados (*ductor*) por Vós evitaremos todo mal”.

\*\*\*

Entre as várias funções que Jesus atribui ao Paráclito nesta sua obra em nosso favor, aquela sobre a qual queremos nos deter é a de Sugeridor: “*Ora, o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele vos recordará tudo o que eu vos tenho dito*” (14,26). “Ele vos recordará”: a Vulgata Latina traduzia com *ipse suggeret vobis*: ele vos sugerirá.

O "ponto", no teatro, está escondido dentro de uma cavidade e está invisível ao público: justamente como o Espírito Santo que ilumina tudo, permanecendo ele invisível e, por assim dizer, nos bastidores. O "ponto" pronuncia as palavras em voz baixa para não ser ouvido pelo público, e também o Espírito fala “em baixa voz”, suavemente. Contudo, diferente dos "pontos" humanos, ele não fala aos ouvidos, mas ao coração; não sugere mecanicamente as palavras do Evangelho, como de um roteiro, mas as explica, adapta, aplica às situações.

Estamos falando, naturalmente, das “inspirações do Espírito”, as chamadas “boas inspirações”. A fidelidade às inspirações é o caminho mais breve e seguro à santidade. Não sabemos em princípio qual é concretamente a santidade que Deus quer de cada um de nós; só Deus a conhece e no-la desvela à medida que o caminho prossegue. Não basta, por isso, ter um programa de perfeição bem claro, para assim realizá-lo progressivamente. Não há um modelo de perfeição idêntico para todos. Deus não faz os santos em série, não ama a clonagem. Cada santo é uma invenção inédita do Espírito. Deus pode pedir a alguém o contrário do que pede a outro. A consequência, daí, é que para alcançar a santidade, o homem não pode se limitar em seguir regras gerais que valem para todos. Deve também entender o que Deus lhe pede, e somente a ele.

Ora, o que Deus quer de diverso e particular de cada um, descobre-se mediante os acontecimentos da vida, a palavra da Escritura, a guia do diretor espiritual, mas o meio principal e ordinário são as inspirações da graça. Estas são solicitações interiores do Espírito no profundo do coração,

perlas quais Deus não só dá a conhecer o que deseja de nós, mas dá a força necessária e, frequentemente, também a alegria para cumpri-lo, se a pessoa consentir.

Pensemos no que teria acontecido se Madre Teresa de Calcutá se obstinasse em observar as regras canônicas então vigentes nos institutos religiosos. Até a idade de 36 anos, ela era uma irmã de uma congregação religiosa, certamente fiel à sua vocação e dedicada ao seu trabalho, mas nada que fizesse prever nela algo de extraordinário. Foi durante uma viagem de comboio de Calcutá a Darjeeling para seu retiro espiritual anual que aconteceu o fato que mudou a sua vida. O Espírito Santo lhe “sussurrou” ao ouvido do coração um claro convite: deixa a tua ordem, a tua vida precedente, e põe-te à minha disposição para uma obra que te indicarei. Entre as filhas de Madre Teresa, este dia – 10 de setembro de 1946 – é recordado com o nome de “Dia da Inspiração”.

Quando se trata de decisões de importância para nós mesmos ou para outros, a inspiração deve ser submetida e confirmada pela autoridade, ou pelo próprio padre espiritual. Assim fez, de fato, Madre Teresa. Nós nos expomos ao perigo se nos confiarmos unicamente à nossa própria inspiração pessoal.

As boas inspirações têm algo em comum com a inspiração bíblica, à parte, naturalmente, a autoridade e o alcance que são essencialmente diversos. “Deus disse a Abraão...”, “O Senhor falou a Moisés”: este falar do Senhor não era, do ponto de vista da fenomenologia, algo de diverso do que aconteceu nas inspirações da graça. A voz de Deus, também no Sinai, não ressoava ao exterior, mas dentro do coração sob forma de clareza, de impulsos, originados pelo Espírito Santo. Os dez mandamentos não foram inscritos pelo dedo de Deus em tábuas de pedra (é-nos difícil até de imaginá-lo!), mas no coração de Moisés, que depois inscreveu em tábuas de pedra. “Foi sob o impulso do Espírito Santo que alguns falaram da parte de Deus (2Pd 1,21); eram eles a falar, mas movidos pelo Espírito Santo; repetiam com a boca o que escutavam no coração. Deus, diz o profeta Jeremias, grava a sua lei nos corações (Jr 31,33).

Toda a fidelidade a uma inspiração é recompensada por inspirações sempre mais frequentes e mais fortes. É como se a alma se exercitasse para chegar a

uma percepção sempre mais clara da vontade de Deus e a uma maior facilidade ao cumpri-la.

\*\*\*

O problema mais delicado, acerca das inspirações, foi sempre o de discernir aquelas que vêm do Espírito de Deus daquelas que provêm do espírito do mundo, das próprias paixões, ou do espírito maligno. O tema do discernimento dos espíritos tem passado nos séculos por uma notável evolução. À origem, era concebido como o carisma que servia para distinguir – entre as palavras, orações e profecias pronunciadas na assembleia – quais provinham do Espírito de Deus e quais não. Em seu exercício comunitário, o carisma da profecia deve ser acompanhado, para o Apóstolo, por aquele do discernimento dos espíritos: “*A outro, (é dada) a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos*” (1Cor 12,10).

O sentido originário do carisma, entendido por Paulo, parece ser muito preciso e limitado. Refere-se à recepção da própria profecia, a sua avaliação, da parte de um ou mais membros da assembleia, também eles dotados de espírito profético. Também isto, porém, não em base a uma análise racional, mas a uma inspiração do mesmo Espírito. O sentido de discernir (*diakrisis*) oscila, portanto, entre distinguir e interpretar: *distinguir* se quem falou foi o Espírito de Deus ou um espírito diverso, *interpretar* o que o Espírito quis dizer em uma situação concreta. A este mesmo dom do discernimento, refere-se a conhecida recomendação do Apóstolo: “*Não apagueis o Espírito, não desprezeis as profecias, mas examinai tudo e guardai o que for bom. Afastai-vos de toda espécie de mal*” (1Ts 5,19-22).

Se devemos levar em conta a experiência atual dos movimentos pentecostais e carismáticos, devemos pensar que este carisma consistisse na capacidade da assembleia, ou de alguns nela, de reagir ativamente a uma palavra profética, a uma citação bíblica, ou a uma oração, expressando – com a exclamação “confirmo!”, ou com outros pequenos sinais de cabeça e voz – aprovação pela palavra escutada, ou mostrando, ao contrário – com o silêncio e passando a outro – um juízo negativo. Desta forma, a verdadeira e a falsa profecia passam a ser julgadas “pelos frutos” que produzem ou não, como justamente recomendava Jesus (cf. Mt 7,16). Este significado

originário do discernimento dos espíritos – aliás – poderia de grande atualidade ainda hoje em debates e reuniões, como aqueles que começamos a experimentar no diálogo sinodal.

Em época sucessiva, na espiritualidade tanto oriental quanto ocidental, o carisma do discernimento dos espíritos tem servido sobretudo para discernir as inspirações do discípulo da parte de um ancião (como no monaquismo) e, mais geralmente, para discernir as *próprias* inspirações. A evolução não é arbitrária; trata-se, de fato, do mesmo dom, mesmo se aplicado a sujeitos e em contextos diversos: o contexto comunitário no primeiro caso, o pessoal no segundo.

Há critérios de discernimento que poderíamos chamar objetivos. No campo doutrinal, eles se resumem para Paulo no reconhecimento de Cristo como Senhor: “*Ninguém, falando pelo Espírito de Deus, vai dizer: ‘Jesus seja maldito’, como também ninguém será capaz de dizer: ‘Jesus é Senhor’, a não ser pelo Espírito Santo*” (1Cor 12,3); para João, resumem-se na fé em Cristo e na sua encarnação:

*Caríssimos, não creiais em qualquer espírito, mas examinai os espíritos para verdes se são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram ao mundo. Nisto conheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa Jesus Cristo vindo na carne, é de Deus. E todo espírito que não confessa Jesus, não é de Deus* (1Jo 4,1-3).

No campo moral, um critério fundamental é dado pela coerência do Espírito de Deus consigo mesmo. Ele não pode pedir algo que seja contrário à vontade divina, tal como é expressa na Escritura, no ensinamento da Igreja e nos deveres do próprio estado. Uma inspiração divina jamais pedirá para cumprir atos que a Igreja considera imorais, por mais que a carne seja capaz de sugerir argumentos ilusórios contrários nestes casos; por exemplo, que Deus é amor e, por isso, tudo o que se faz por amor vem de Deus.

Contudo, às vezes estes critérios objetivos não bastam, porque a escolha não é entre o bem e o mal, mas é entre um bem e um outro bem, e se trata de ver qual é a coisa que Deus quer, em uma circunstância precisa. Foi sobretudo para responder a esta exigência que Santo Inácio de Loyola desenvolveu a sua doutrina sobre o discernimento.

Sinto quase vergonha de falar sobre este tema nesta sede..., mas vamos falar pelo menos alguma coisa. O santo nos convida a observar as intenções – ele as chama de “espíritos” – que estão por trás de uma escolha e as reações que ela provoca. Sabe-se que o que vem do Espírito de Deus traz consigo alegria, paz, tranquilidade, doçura, simplicidade, luz. O que provém do espírito do mal, ao contrário, traz consigo perturbação, agitação, inquietação, confusão, trevas. O Apóstolo o põe em evidência contrapondo os frutos da carne (inimizades, contenda, ciúmes, iras, intrigas, discórdias, invejas) e os frutos do Espírito, que são, ao contrário, *amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, lealdade, mansidão, domínio próprio* (Gl 5,22).

Na prática, as coisas, é verdade, são mais complexas. Uma inspiração pode vir de Deus e, apesar disso, causar uma grande perturbação. Mas isto não é devido à inspiração doce e pacífica, como tudo o que provém de Deus; antes, nasce da resistência à inspiração ou do fato de ela nos pedir algo que não estamos prontos a lhe dar. Se a inspiração for acolhida, o coração logo se encontrará em uma profunda paz. Deus recompensa cada pequena vitória neste campo, fazendo com que a alma sinta a sua aprovação, que é a alegria mais pura que existe no mundo.

Um campo no qual é importante praticar o discernimento – além daquele das intenções e das decisões – é o âmbito dos sentimentos. Nada é mais traiçoeiro do que o amor. A natureza é habilíssima em deixar passar, como proveniente do espírito, o que ao invés provém da carne. Neste campo, é mais do que nunca necessário levar em conta o conselho que o poeta latino Ovídio dava justamente a propósito dos males do amor: “*Principiis obsta. Sero medicina paratur cum mala per longas convaluere moras*: “Opõe-te aos começos. Tarde toma-se o remédio quando os males, pelos muitos adiamentos, ganharam força”[6].

\*\*\*

O fruto concreto desta meditação deve ser uma decisão renovada de nos confiarmos em tudo e por tudo à guia interior do Espírito Santo, como uma espécie de “direção espiritual”. Devemos todos nos abandonar ao Mestre interior que nos fala sem tumulto de palavras. Como bons atores, devemos

ter o ouvido voltado, nas grandes e pequenas ocasiões, à voz deste “sugridor” escondido, para interpretar fielmente a nossa parte na cena da vida. É o que se entende com a expressão “docilidade ao Espírito”.

É mais fácil do que pensamos, porque ele fala dentro de nós, ensina-nos tudo, instrui-nos sobre tudo. Às vezes, basta um simples olhar interior, um movimento do coração, um momento de recolhimento e oração. João escreve em sua Primeira Carta:

*Quanto a vós, a unção que dele recebestes permanece convosco, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine. A sua unção vos ensina tudo, e ela é verdadeira e não mentirosa (1Jo 2,27).*

Sobre estas palavras, Santo Agostinho instaura um debate inusitado e vivaz com o Apóstolo. Em seu comentário à Primeira Carta de João, escreve:

Pergunto a João: “Aqueles aos quais dirigias estas palavras já tinham a unção... Por que então escreveste a eles esta carta? Por que instruí-los?”... Aqui há um grande mistério sobre o qual é preciso refletir, irmãos. O som das nossas palavras atinge os ouvidos, mas o verdadeiro mestre está dentro... Nós podemos exortar com o som da voz, mas, se dentro não está quem ensina, trata-se de um barulho inútil[7].

Se acolher as inspirações é importante para todo o cristão, é vital para quem tem funções de governo na Igreja. Só assim se permite ao Espírito de Cristo guiar a sua Igreja mediante seus representantes humanos. Em um navio, não é necessário que todos os passageiros estejam com os ouvidos grudados no rádio de bordo, para receber sinais sobre a rota, sobre eventuais icebergs e sobre as condições do tempo, mas é indispensável que os responsáveis de bordo estejam. De uma “inspiração divina”, acolhida corajosamente pelo Papa São João XXIII, nasceu o Concílio Vaticano II. Da mesma forma, depois dele, nasceram outros gestos proféticos, que aqueles que vierem depois de nós perceberão.

Que, nesta Páscoa, o Senhor ressuscitado faça, ele mesmo, ressoar em nosso coração algum daqueles seus divinos “Eu Sou”, sobre os quais meditamos nesta Quaresma! Principalmente aquele que proclama a sua vitória pascal: *“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha*

*morrido, ainda que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá" (11,23-26).*

Santo Padre, irmãos e irmãs, Feliz Páscoa!

---

## NOTAS

[1] Cf. Diário, X 1 A 154.

[2] Cf. Tomás de Aquino, Summa theologiae, I-IIae, q. 106, a. 2.

[3] Cf. Ibid., q. 106, a. 1; cf. Agostinho, De Spiritu et littera, 21, 36.

[4] Cf. Agostinho, Confissões, X, 29.

[5] Cf. Gregório de Nissa, De fide (PG, 45, 141C).

[6] Cf. Ovídio, Remedia amoris, V,91.

[7] Cf. Agostinho, Tratado sobre a Primeia Epístola de João, 3,13

---

Tradução Fr. Ricardo Farias, ofmcap

---

## Pregação da Sexta-feira Santa

**“QUANDO TIVERDES LEVANTADO O FILHO DO HOMEM, ENTÃO SABEREIS QUE EU SOU”**

*“Quando tiverdes levantado o Filho de Homem, então sabereis que ‘Eu Sou’”* (Jo 8,28). É a palavra que Jesus pronunciou ao término de uma calorosa disputa com seus oponentes. Há um intensificar-se em relação aos precedentes “EU SOU”. Jesus não diz mais: “Eu sou isto ou aquilo: o pão da vida, a luz do mundo, a ressurreição e a vida... Diz simplesmente “Eu Sou”, sem especificação. Isso dá à sua declaração um alcance absoluto, metafísico. Remete intencionalmente às palavras de Êxodo 3,14 e Isaías 43,10-12, nas quais Deus mesmo proclama o seu divino “EU SOU”.

A novidade inaudita desta palavra de Cristo só se descobre se prestamos atenção ao que precede a autoafirmação de Cristo: “Quando tiverdes levantado o Filho de Homem”, então sabereis que EU SOU”. É como dizer: O que eu sou – e, por isso, “o que Deus é” – será conhecido somente a partir da cruz. A expressão “ser levantado”, no Evangelho de João, como sabemos, refere-se ao evento da cruz!

Estamos diante de uma total inversão da ideia humana de Deus e, em parte, também daquela do Antigo Testamento. Jesus não veio para retocar e aperfeiçoar a ideia que os homens fizeram de Deus, mas, em certo sentido, para invertê-la e revelar o verdadeiro rosto de Deus. É o que o Apóstolo Paulo, por primeiro, entendeu quando escreve:

*“De fato, pela sabedoria de Deus, o mundo não foi capaz de reconhecer a Deus por meio da sabedoria, mas, por meio da loucura da pregação, Deus quis salvar os que creem. Com efeito, enquanto os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria, nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Para os que são chamados, porém, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus”* (1Cor 1,21-24).”

Entendida sob esta luz, a palavra de Cristo assume um alcance universal que interpela quem a lê, em qualquer época e situação, inclusive a nossa.

Essa inversão da ideia de Deus, de fato, sempre deve ser operada. A ideia de Deus que Jesus veio mudar, infelizmente, todos nós a trazemos dentro, em nosso inconsciente. Pode-se falar de um Deus único, puro espírito, ente supremo, e assim por diante. Mas como conseguir vê-lo no aniquilamento da sua morte na cruz?

Deus é onipotente, certo; mas de que força se trata? Diante das criaturas humanas, Deus se encontra desprovido de toda capacidade, não somente constritiva, mas também defensiva. Não pode intervir com autoridade para se impor a eles. Não pode fazer outra coisa senão respeitar, em medida infinita, a livre escolha dos homens. Eis, então, que o Pai revela o verdadeiro rosto da sua onipotência no seu Filho, que se põe de joelhos diante dos discípulos para lavar-lhes os pés; nele que, reduzido à mais radical impotência sobre a cruz, continua a amar e perdoar, sem jamais condenar.

A verdadeira onipotência de Deus é a total impotência do Calvário. É necessário pouca força para pôr-se em evidência; é necessário muita, ao contrário, para pôr-se de lado, para se cancelar. Deus é esta força ilimitada de escondimento de si! *Exinanivit semetipsum*: esvaziou-se (Fl 2,7). À nossa “vontade de potência”, ele opôs a sua impotência voluntária. Que lição para nós que, mais ou menos conscientemente, queremos sempre nos colocar em evidência! Que lição, sobretudo para os poderosos da terra! Para aqueles que não pensam em servir nem mesmo remotamente, mas só no poder pelo poder; aqueles – diz Jesus no Evangelho – que “dominam os povos” e, além do mais, “se fazem chamar benfeitores” (cf. Mt 20,25; Lc 22,25).

\*\*\*

Mas o triunfo de Cristo na sua ressurreição não inverte esta visão, reafirmando a onipotência invencível de Deus? Sim, mas em sentido bem diverso daquele que estamos habituados a pensar. Bem diverso dos “triunfos” que se celebravam ao retorno do imperador de campanhas vitoriosas, ao longo de uma estrada que ainda hoje, em Roma, leva o nome de “Via Triunfal”.

Houve um triunfo, claro, no caso de Cristo, e um triunfo definitivo e irreversível! Mas como se manifesta este triunfo? A ressurreição acontece no mistério, sem testemunhos. A sua morte –ouvimos pela narrativa da Paixão – fora vista por uma grande multidão e envolvera as máximas autoridades religiosas e políticas. Ressuscitado, Jesus aparece apenas a poucos discípulos, fora dos holofotes. Com isso, quis dizer-nos que, após ter sofrido, não é preciso esperar um triunfo exterior, visível, como uma glória terrena. O triunfo se dá no invisível e é de ordem infinitamente superior, porque é eterno! Os mártires de ontem e hoje são o exemplo disso.

O Ressuscitado se manifesta mediante suas aparições, de modo suficiente para fornecer um fundamento solidíssimo à fé, para quem não se recusa, a priori, em crer; mas não é uma revanche que humilha os seus adversários. Não aparece no meio deles para demonstrar que erraram e para zombar da sua ira impotente.

Toda vingança seria incompatível com o amor que Cristo quis testemunhar aos homens com a sua paixão. Ele se comporta humildemente na glória da ressurreição, como no aniquilamento do Calvário. A preocupação de Jesus ressuscitado não é confundir os seus inimigos, mas de logo ir tranquilizar os seus discípulos desolados e, antes deles, as mulheres que jamais deixaram de crer nele.

\*\*\*

No passado, falava-se de bom grado do “triunfo da Santa Igreja”. Rezava-se por isso e com satisfação se recordavam seus momentos e razões históricas. Porém, que tipo de triunfo se tinha em mente? Hoje nos damos conta do quanto aquele tipo de triunfo era diverso daquele de Jesus. Mas não julguemos o passado. Corre-se sempre o risco de sermos injustos, quando se julga o passado com a mentalidade do presente.

Acolhamos antes o convite que Jesus dirige ao mundo do alto da sua cruz: “*Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso*” (Mt 11,28). Seria o caso de quase pensar em uma ironia, em uma brincadeira! Alguém que não tem, ele mesmo, uma pedra sobre a qual repousar a cabeça, alguém que foi rejeitado pelos seus,

condenado à morte, alguém que “quase escondíamos o rosto diante dele” (cf. Is 53,3), volta-se à humanidade inteira, de todos os lugares e todos os tempos, e diz “*Vinde a mim, todos vós, e vos darei descanso!*”.

Vem tu, que és idoso, doente e sozinho; tu, que o mundo deixa morrer na miséria, na fome, ou sob as bombas; tu, que por tua fé em mim, ou por tua luta pela liberdade, definhas em uma cela de prisão; venha, você mulher vítima de violência. Enfim, todos, ninguém excluído: Vinde a mim e eu vos darei descanso! Não prometi solenemente: “*Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim*” (Jo 12,32)?

“Mas que descanso tu podes nos dar, ó homem da cruz, tu, mais abandonado e cansado do que aqueles que queres consolar?”. “Vinde a mim, porque EU SOU! Eu sou Deus! Renunciei à vossa ideia de onipotência, mas conservo intacta a minha onipotência, que é a onipotência do amor. Está escrito: “*A fraqueza de Deus é mais forte que os homens*” (1Cor 1,25). Eu posso dar descanso, mesmo sem tirar a fadiga e o cansaço neste mundo. Perguntai-o a quem fez tal experiência!

Sim, ó Senhor crucificado, com o coração cheio de gratidão, no dia em que comemoramos a tua paixão, nós proclamamos em alta voz com o teu apóstolo Paulo:

*“Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada? [...] Tenho certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura qualquer será capaz de nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”* (Rm 8,35-39).

---

Tradução de Fr. Ricardo Farias